



Vitor Marinho de Oliveira

O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA

editora brasiliense

*Copyright © by Vitor Marinho de Oliveira, 1983
Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada,
armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer
sem autorização prévia da editora.*

*Primeira edição, 1983
11ª edição, 1994
4ª reimpressão, 2004*

*Revisão: José Waldir S. Moraes
Capa e ilustração: Marcelo P Pacheco*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Vitor Marinho de, 1943-
O que é educação física / Vitor Marinho de
Oliveira. - São Paulo : Brasiliense, 2004. -
(Coleção primeiros passos ; 79)

4ª reimpr. da 11. ed. de 1994.

Bibliografia

ISBN 85-11-01079-3

1. Educação física 2. Educação física - Brasil
I. Título. II. Série.

04-0855

CDU-613.7

índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Educação Física : Higiene 613.7
2. Cultura física : Higiene 613.7
3. Educação física : Higiene 613.7

editora brasiliense

Rua Airi, 22 - Tatuapé - CEP 03310-010 - São Paulo - SP

Fone/Fax: (0xx11) 6198-1488

E-mail: brasilienseedit@uol.com.br

www.editorabrasiliense.com.br

livraria brasiliense

Rua Emília Marengo, 216 - Tatuapé

CEP 03336-000 - São Paulo -SP-Fone/Fax (0xx11) 6675-0188

ÍNDICE

CAPITULO UM: DE HIGGINS AO "JOGGING"	5
CAPITULO DOIS: DO HOMEM NATURAL AO HOMEM MÁQUINA	7
Há milhões de anos.....	7
Há milhares de anos.....	8
Antes de tudo, o homem.....	10
Antes de tudo, o poder	14
Antes de tudo, a terra	15
Novamente, o homem	17
O renascimento da Educação Física	19
O renascimento dos Jogos Olímpicos	20
CAPITULO TRÊS: A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	23
Primeiro tempo	23
Intervalo	24
Segundo tempo	25
CAPITULO QUATRO: O LABIRINTO	28
Educação Física é Ginástica?	28
Educação Física é Medicina?	29
Educação Física é Cultura?	31
Educação Física é Jogo?.....	32
Educação Física é Esporte?	33
Educação Física é Política?.....	35
Educação Física é Ciência?	37
CAPITULO CINCO: AFINAL O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA?.....	38
A Educação Física e o Indivíduo	39
A Educação Física e a Inteligência.....	40
A Educação Física e a Afetividade	41
A Educação Física e a Sociedade	42
A função do professor.....	44
Ser ou não ser, eis a resposta	45
INDICAÇÕES PARA LEITURA	48
Sobre História da Educação Física.....	48
Sobre a História da Educação Física no Brasil.....	48
Outros destaques	49
Sobre o autor	50

O pior analfabeto é o analfabeto político. Ele não ouve, não fala, nem participa dos acontecimentos políticos. Ele não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, do sapato e do remédio dependem de decisões políticas.

O analfabeto político é tão burro que se orgulha e estufa o peito dizendo que odeia política. Não sabe o imbecil que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante e o pior de todos os bandidos, que é o político vigarista, pilantra, o corrupto e lacaios das empresas nacionais e internacionais.

Bertolt Brecht

CAPITULO UM: DE HIGGINS AO "JOGGING"

"Os exercícios devem ser executados por todos os discípulos ao mesmo tempo e do mesmo modo. A marcação do rythmo começará logo depois de dado o commando executivo: 1, 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4. .. Terminada uma lição de gymnastica, o professor não mandará debandar antes de executar a formatura inicial (fileira). A quebra da disciplina acarretará a quebra da força moral".

Não fosse pela ortografia, denotando uma época remota, talvez acreditássemos estar diante de um moderno tratado de metodologia sobre ginástica. Arthur Higgins foi um dos mais importantes professores de Educação Física do então Distrito Federal, no começo do século. As recomendações citadas datam de 1911 e manifestam uma atualidade incontestável para o momento em que foram escritas.

Mas o tempo não pára. Setenta anos foram suficientes para que a Educação Física saísse de um quase empirismo pedagógico e passasse a merecer algum destaque no sistema mais amplo da Educação. Na Europa, em fins do século XIX, foi introduzida nas escolas em função dos benefícios que o exercício físico pode trazer para a saúde. Mas será o professor de Educação Física uma espécie de médico? Ou um auxiliar do médico? Qual o perfil que a sociedade traça desse profissional e o que dele espera? A evidente identificação com a Medicina foi o que, sem dúvida, deu status à profissão mas, lamentavelmente, afastou-a da sua verdadeira missão.

O terreno escolar talvez tenha sido o mais fértil para inadequações. Aí, o professor de Educação Física assumiu o papel de educador do físico, deixando de atender às necessidades do homem total. A ginástica passou a ser um verdadeiro castigo e a boa aula é a que exaure o aluno. Além disso, o profissional que atua nesta área ficou historicamente identificado com hábitos militares, passando a ser o responsável pelo treinamento de ordem unida para desfiles e comemorações cívicas. Tornou-se um "disciplinador", antes de mais nada. Estes procedimentos refletem-se por toda a vida das pessoas, que passam a detestar a atividade física. Já adultos, voltam a praticar exercícios físicos apenas "a conselho médico". Isto é Educação Física?

Apesar de tudo, hoje podemos afirmar que as pessoas estão redescobrimdo o valor dos exercícios. As calçadas e as ruas tornaram-se palco de um desfile cujos figurantes aumentam dia a dia. Mas de onde vêm os estímulos que levam a este renascimento ginástico? Seria das escolas e academias, que estariam levando a um processo definitivo de conscientização acerca da importância da Educação Física? Ou seria das indústrias de material esportivo, que se sofisticam cada vez mais? Ou ainda das novelas de televisão a divulgar um esporte que não é para todos?

A corrida talvez seja um exemplo ilustrativo do furor ginástico que tomou conta da parcela da população capaz de atender a estes apelos. Muito divulgada pela grande imprensa do início dos anos setenta, após a vitória do

futebol brasileiro no México, transformou-se, para muitos, em verdadeira religião. Estes, seguindo matematicamente as tabelas que os levariam a uma formidável condição atlética, não observam o mais importante: o seu rendimento interno. Correm sem se dar conta que existem limites de rendimento cardíaco aceitáveis, acima dos quais há perigo. Não aprenderam - claro, ninguém lhes ensinou - que aquela bombinha, que os mantém vivos, pode também matá-los. Será isto a verdadeira Educação Física?

Mas a ciência que trata do movimento não contém apenas a chamada ginástica entre os seus elementos. O esporte incluiu-se entre as suas responsabilidades. Dignificado pelos gregos, deformado pelos romanos, esquecido na época medieval, foi ressuscitado por Coubertin para, atualmente, transformar-se em objeto de propaganda política. O homem - matéria-prima para o desempenho esportivo - converte-se em instrumento a serviço dos detentores do poder. A especialização prematura e a prática exarcebada dos esportes tendem a sacrificar os mais fracos em nome de uma elitização esportiva ideologicamente justificada. Esvazia-se, desta forma, a utopia humanista que considera o esporte capaz de colaborar para uma sociedade melhor e um homem mais humano.

O presente ensaio pretende discutir os caminhos - e os descaminhos - da Educação Física e tentar abrir espaço para possíveis alternativas de uma verdadeira crise de identidade pela qual está passando. Da forma como se apresenta, pode a Educação Física encerrar valores realmente significativos para os fins a que se destina? O que é mais importante: A técnica ou a pessoa? Modelar ou formar? A disciplina ou a participação? Domesticar ou educar?

Afinal, o que é Educação Física?



Afinal, o que é Educação Física?

CAPITULO DOIS: DO HOMEM NATURAL AO HOMEM MÁQUINA

Um livro que pretenda mostrar ou, pelo menos, tentar mostrar o que é Educação Física depara-se, inicialmente, com um intrincado problema. Por onde começar? Um passeio histórico permitirá uma melhor compreensão dos seus vários aspectos, demonstrando a interatuação da Educação Física com as diversas manifestações da cultura humana. Este passeio semeará o caminho de onde colheremos elementos que satisfaçam a nossa pretensão. Se tal não acontecer, que fique a semente da dúvida. Já será um bom começo.

Há milhões de anos...

Todas as atividades humanas durante o período que se convencionou denominar pré-histórico dependiam do movimento, do ato físico. Ao analisar a cultura primitiva em qualquer das suas dimensões (econômica, política ou social), vemos, desde logo, a importância das atividades físicas para os nossos irmãos das cavernas.

Condenado a uma situação de nomadismo e seminomadismo durante a maior parte de sua existência, o homem dependia de sua força, velocidade e resistência para sobreviver. Suas constantes migrações em busca de moradia faziam com que realizassem longas caminhadas, ao longo das quais lutavam, corriam, saltavam e nadavam. Sua supremacia no reino animal deveu-se, no plano psicomotor, ao domínio de um gesto que lhe era próprio: foi capaz de atirar objetos. Provavelmente por ser o único que possuía o polegar, desenvolveu a preensão, por oposição daquele dedo aos demais. Isto facilitou, inclusive, o aperfeiçoamento da habilidade de lançar.

O aspecto econômico não se fez exceção no estímulo à prática do exercício físico pelos primeiros homens. No começo, ainda absolutamente nômades, a caça e a pesca eram a base da sua economia. Posteriormente, iniciaram-se num processo de sedentarização, quando começaram a dominar técnicas rudimentares de agricultura e domesticação de animais. Em qualquer desses momentos, foi necessário o aprimoramento das habilidades físicas para a otimização de gestos e a construção de ferramentas que possibilitassem maior sucesso nas práticas de sobrevivência.

A partir do instante em que o homem se sedentarizou, podemos registrar o início da luta pela posse de terras. É evidente que a fixação ao solo não se deu ao mesmo tempo e em todos os lugares. Fácil será deduzir o que acontecia quando hordas nômades encontravam, em suas peregrinações, os grupos sedentários. Os primeiros embates marcaram a vitória dos agressores, pois estes possuíam maior vigor físico devido a sua atividade física mais intensa. Aqueles que já plantavam e criavam, ao instalar novos núcleos tratavam, agora, de aproveitar seus momentos de ócio num treinamento visando o sucesso diante de novos e possíveis ataques.

Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, era praticada por todos os povos, desde o paleolítico superior (60 000 a.C). A dança primitiva podia ter características eminentemente lúdicas como também um caráter ritualístico, onde havia demonstrações de alegria pela caça e pesca feliz ou a dramatização de qualquer evento que merecesse destaque, como os nascimentos e funerais.

Além disso, os primeiros povos perceberam que o exercício corporal, produzindo uma excitação interior, podia levá-los a estados alterados de consciência. Acompanhadas por ruídos que tinham por fim exorcizar os maus espíritos, estas danças duravam horas ou mesmo dias, levando os seus praticantes a acreditar estarem entrando em contato com o poder dos deuses. As danças representavam um papel fundamental no processo da Educação, na medida em que se faziam presentes em todos os ritos que preparavam os jovens para a vida social. Este fato evidenciava-se nas danças rituais a partir do culto, pois a religião era a única preocupação sistemática na educação primitiva.

O ser humano apresenta comportamentos que independem do seu estágio cultural. O jogo é uma dessas manifestações. Podemos constatar desde as épocas iletradas a existência de atividades em forma de jogo que cumpriam um papel social da maior relevância. Cabe salientar que as crianças também participavam. Numa espécie de preparação para a vida adulta, elas imitavam as atividades dos mais velhos.

O salto em altura, simbolizando o crescimento das raízes, a corrida, lembrando o ondear das espigas, e a velocidade, desde os primórdios valorizada como a essência da juventude, são alguns exemplos da importância que as atividades pré-esportivas tinham para os antigos homens. Os jogos com bola parecem haver sido os que tiveram maior significado; o campo do jogo representava o céu, e a bola, voando, os corpos estelares em movimento. Muito da simbologia pré-histórica nos foi legado, haja vista a prática de competições entre casados e solteiros, vestígio de antigos cerimoniais de fecundidade.

Na medida em que o homem entra num estágio definitivo de sedentarização, seu espaço ocioso aumenta, levando ao surgimento de uma concepção esportiva, para as atividades que, até então, eram praticadas apenas por razões utilitárias, guerreiras ou ritualísticas. Cada vez mais, os jogos implicavam criar uma ordem moral e social. A sociabilidade inerente às atividades lúdicas levava ao aparecimento de uma hierarquia de valores ético-sociais, e tanto os vencedores como os vencidos deveriam aceitar os resultados com esportividade.

Há milhares de anos...

Entre os povos primitivos existem alguns poucos que conseguem atingir um estágio civilizatório. Estes pioneiros, surgidos há 6 000 anos e cujo

número andou em torno de vinte, ainda mantiveram muitas características dos primitivos. Sua cultura, porém, evoluíra o suficiente para que se considerasse iniciado um novo período da História: a Antiguidade Oriental. Nesse novo contexto, os exercícios físicos continuam merecendo o mesmo destaque alcançado na pré-história. Não é dessa época a origem de uma Educação Física que pudesse ser denominada científica, mas já é possível uma análise mais apurada das atividades físicas no berço desse novo mundo, agora civilizado, com seus feitos, registrados através da escrita. Podemos arriscar uma classificação onde identificaríamos finalidades de ordem guerreira, terapêutica, esportiva e educacional, aparecendo sempre a religião como pano de fundo, como em todas as realizações orientais.

Os chineses parecem haver sido os primeiros a racionalizar o movimento humano, emprestando-lhe, ainda, um forte conteúdo médico. Criaram, provavelmente, o mais antigo sistema de ginástica terapêutica de que se tem notícia: era o Kong-Fou (a arte do homem) - surgido por volta de 2700 a.C. - e praticado pela seita Tao-Tsé, onde a pessoa executava os movimentos nas mais diversas posições, obedecendo a certos critérios sobre respiração, tudo de acordo com a doença a ser tratada. Há que se ressaltar, ainda, o aspecto religioso dessa prática que, além de curar enfermidades do corpo, servia para torná-lo um "leal servidor da alma".

A Índia é reconhecida como a nação que conseguiu atingir o maior grau de elevação espiritual de toda a humanidade. Entre as práticas hindus, temos de destacar a yoga como a sua manifestação suprema. A parte desse sistema que trata do corpo físico chama-se hatha-yoga e é fundamentalmente uma ginástica de posições com a utilização de uma respiração adequada. A yoga não é apenas um conjunto de exercícios ginásticos, mas uma doutrina que busca não só a purificação do corpo como também, através da meditação, facilitar a identificação do homem com a sua essência divina. Integra, portanto, o físico, o intelectual e o emocional, numa bela concepção do ser humano.

Nessa fase da história da humanidade, vários povos destacaram-se pela formação guerreira que era dada aos seus cidadãos. Os egípcios - considerados por muitos historiadores como a mais antiga civilização - deixaram o seu registro principalmente através dos murais dos seus templos e dos monumentos funerários, bem como de todo o restante de sua inconfundível arte. Nas paredes das tumbas de Beni Hassan figuram cenas militares bem minuciosas do tempo dos faraós. As imagens mais numerosas são as de luta, que se constituem num mural escrupulosamente detalhado, como se formassem os quadros de um filme. Estimulados por uma longa guerra de independência contra os hicsos, povo asiático que os dominou, os egípcios foram levados a se exercitarem aplicadamente para expulsar os invasores, provocando um treinamento muito rigoroso dos seus soldados.

Na região situada entre os rios Tigre e Eufrates estavam os sumérios, os caldeus ou babilônios e os assírios, que disputam com os egípcios a primazia histórica de haverem alcançado o momento cultural denominado civilização. Ferrenhos cultores da força e da resistência física,

desenvolveram denodadamente a sua formação guerreira através de um adestramento no uso do arco e flecha, na prática da equitação, na luta etc. O aspecto guerreiro evidenciava-se, principalmente, entre os assírios, considerados os povos mais sanguinários da Antiguidade Oriental. Muito evoluídos culturalmente - eram hábeis engenheiros, matemáticos e astrólogos - , os seus reis entregavam-se apaixonadamente ao desenvolvimento de suas instituições militares. O aspecto guerreiro merece uma referência especial, incrementado que foi pela crescente sedentarização. Motivado por elementos espirituais, serviam também para avaliar o nível de assimilação do treinamento físico dos jovens, marcando profundamente a Educação Física oriental antiga. No Oriente Próximo foi o Egito que, sem dúvida, atingiu o mais alto grau de aperfeiçoamento no terreno esportivo. As imagens que nos deixaram registram corpos fortes e esculpidos dentro de padrões estéticos comparáveis aos dos gregos. Suas práticas esportivas eram bastante diversificadas, sendo evidente a importância não só da luta, já comentada, como também da natação, remo, atletismo etc., constituindo um verdadeiro sistema de Educação Física.

A China talvez seja a possuidora da mais antiga história do esporte e, seguramente, foi a que mais influenciou a Educação Física no Extremo Oriente. Os chineses foram hábeis caçadores, lutadores, nadadores, praticantes de esgrima, do hipismo e de um esporte que hoje chamaríamos futebol (tsu-chu). Deste, há registros que remontam ao III século a.C, servindo inicialmente para comemorar os aniversários dos imperadores, para depois contagiar a população. É do poeta chinês Li-You, do início da era cristã, o trecho que demonstra o conteúdo ético-pedagógico dos jogos esportivos, em especial do futebol:

"... Nomearam-se capitães que dirigem o jogo segundo o imutável regulamento.
Nenhuma vantagem para os parentes, não há lugar para partidarismos.. .
... E se tudo isto é necessário para o futebol, quanto mais o será na luta da vida!"

Antes de tudo, o homem

"- Muito bem: façamos de conta que temos uma hora disponível para contar histórias, e essa história seja a educação de nossos heróis.
- Perfeitamente.
- Qual será, pois, essa educação? Haverá outra melhor do que a tradicional? Esta compreende, segundo creio, a ginástica para o corpo e a música para a alma.
- Assim é."

Em A República, Platão fala por intermédio de Sócrates a respeito do tipo de educação pela qual os guardiões da sua utópica cidade deveriam passar. Era a Paideia, o ideal da educação grega que unia a ginástica à música (esta concebida como cultura espiritual).

A civilização grega marca o início de um novo ciclo na História com o nascimento de um novo mundo civilizado, agora o ocidental. É o descobrimento do valor humano, da sua individualidade e o início autêntico da história da Educação Física. A filosofia pedagógica que determinou os caminhos a serem percorridos pela educação grega tem o grande mérito de não divorciar a Educação Física da intelectual e da espiritual. Postulava, dessa forma, o mais significativo de todos os princípios humanistas, considerando que o homem é somente humano enquanto completo. Apesar de não ter o mesmo peso em todo o decorrer da sua história, as atividades físicas sempre puderam ser consideradas como elemento característico na escalada cultural do povo helênico, em qualquer dos seus momentos.

O primeiro desses momentos foi consignado pelos poemas de Homero (Ilíada e Odisséia). A educação desta fase (1200/800 a.C), embora não possuísse uma organização institucionalizada, presumia o ideal da sabedoria e da ação; aquela era representada por Ulisses, esta por Aquiles. A origem dos famosos Jogos Gregos - entre eles, os Olímpicos - está situada neste período e materializada nos "jogos fúnebres". Entre estes destacam-se os que foram mandados celebrar por Aquiles em homenagem a seu amigo Pátroclo, morto por Heitor. Estes Jogos constaram de oito provas: corrida de carros, pugilato, luta, corrida a pé, combate armado, arremesso de bola de ferro, arco e flecha e arremesso de lança, demonstrando o ecletismo a que estavam submetidos os atletas-heróis nesse período.

A par dos exercícios que levassem a um bom desempenho atlético da aristocracia guerreira, grande privilegiada dessa época, aprendiam também as artes musicais e a retórica. Em se tratando de tempos heróicos, a educação era marcadamente guerreira. Tinha como traço essencial o mais alto ideal cavalheiresco (aretê) e o desejo de ser sempre o melhor (agonística), que vieram a caracterizar o povo grego.

O momento que se segue ao homérico é o chamado histórico (800/500 a.C), com a formação das cidades-estados. Dentre estas, Esparta e Atenas, representando o jogo de antagonismos ideológicos fadado a definir a evolução política histórica da Grécia Antiga.

Esparta, a cidade mais desenvolvida neste período, representa uma espécie de anti-humanismo grego. Os seus ideais totalitários levavam os cidadãos a um devotamento ao Estado e a uma subordinação absoluta à vontade dos superiores. A educação espartana pode ser analisada como um prolongamento da que existiu na época homérica. Perpetuava a formação cavalheiresca, militar e aristocrática, com um sensível desprezo pelo aspecto cultural, este tomado no seu sentido mais amplo. Estado guerreiro - todos deviam ser soldados - alimentava uma política de eugenismo que outorgava a uma comissão de anciãos o direito de condenar os nascidos raquíticos e disformes. Suas mulheres eram formadas robustas, enrijecidas moral e emocionalmente, prontas a cumprirem o seu papel de reproduzir espécimes perfeitos em nome do melhoramento da raça.

Nessa época surgem os grandes Jogos Gregos, dos quais participava toda a comunidade helênica: Píticos, Nemeus, ístmicos e, especialmente, os Olímpicos, criados em 776 a.C, em homenagem a Zeus. Estes jogos eram festas populares e religiosas, que envolviam, além de competições atléticas, provas literárias e artísticas. Os gregos possuíam cidades que eram estados independentes. Somente três situações marcavam um espírito verdadeiramente nacional: a iminência de um perigo externo, a religião e estas formidáveis festas esportivas. Por ocasião da época da realização destas últimas, tudo parava - inclusive suas lutas internas - em nome da honra maior da participação esportiva. O estilo de educação adotado em Esparta levava os seus atletas a vencerem a maior parte das provas de que participavam, pelo menos nos primeiros séculos de sua história. Assim, de 720 a 576 a.C, dos oitenta e um vencedores olímpicos de que se tem registro, quarenta e seis são espartanos. Na prova de corrida de velocidade, dos trinta e seis campeões conhecidos, vinte e um têm a mesma origem.

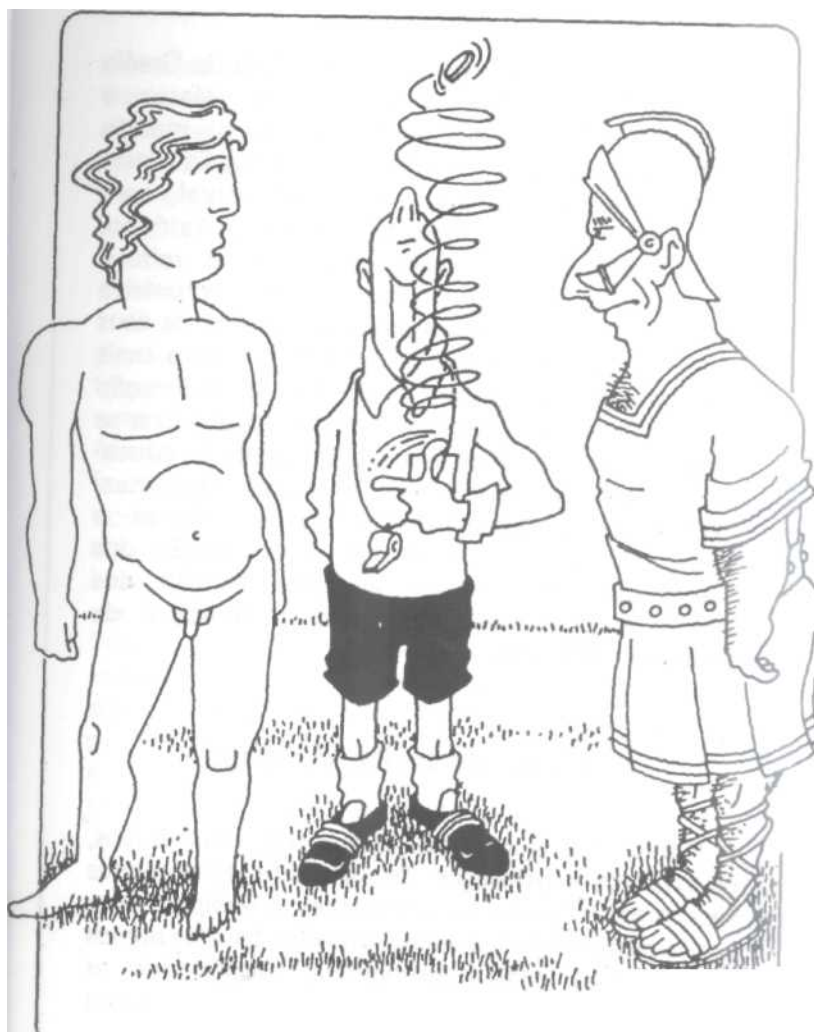
A história da Educação Física em Atenas, neste período de formação histórica, é bastante significativa. Podemos constatar o lugar peculiar que a ginástica e o atletismo ocupavam, tal qual em Esparta. A educação ateniense não tinha, porém, o caráter eminentemente militar que caracterizou a vida espartana. Os atenienses, descendentes dos jônios, povos amantes da cultura, não tinham o espírito guerreiro que os seus irmãos espartanos herdaram de antepassados dórios. Por estas raízes, a prática esportiva em Atenas subsistirá como um meio de formação do homem total, não se prestando apenas como preparação para a guerra. É de Sólon, legislador ateniense do começo do século VI a.C, o conselho: "As crianças devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler".

O modelo ateniense vem servir de paradigma para todo o mundo grego, à exceção óbvia de Esparta. Os seus locais para a prática esportiva, comparáveis aos de hoje, serviam não apenas à Educação Física como também para a formação intelectual do povo, salvo os escravos. Os ginásios, palestras e estádios possuíam grandes acomodações para o público, o que denota o interesse popular despertado pelo esporte. Um corpo docente, organizado e hierarquizado, conduzia administrativa e tecnicamente as atividades dos praticantes. O ginasiarca era a figura mais importante, sendo uma espécie de reitor da Educação Física e, quase sempre, da educação intelectual. Eleito pela comunidade, ele dirigia alguns dos ginásios e, em alguns lugares, todos os ginásios da cidade. O pedótriba corresponde ao que hoje chamamos de professor de Educação Física e estava equiparado em cultura e prestígio ao médico. Era também o responsável pela formação do caráter dos jovens efebos.

O período clássico ou humanista (500/338 a.C.) é o terceiro momento da história grega e marca o aparecimento dos primeiros grandes filósofos do mundo ocidental. Com a Filosofia, nasce também a Pedagogia, entendida de um modo mais sistemático e racional. A partir desse período, a Educação Física não ostenta o mesmo realce dos momentos que o antecederam, mas ainda aqui continua a merecer um destaque no plano

educacional grego. Aristóteles também valorizava o papel da ginástica, dando-lhe um cunho científico, quando diz que "a ciência da ginástica deve investigar quais exercícios são mais úteis ao corpo, segundo a constituição física de cada um".

Os exercícios físicos praticados pelos gregos tinham um caráter natural. Os seus esportes eram basicamente fundamentados no atletismo (correr, saltar e lançar) e realizados em total estado de nudez (ginástica significa a "arte de desenvolver o corpo nu"). Isto tudo sem o descuido dos aspectos fisiológicos que as atividades merecem e, principalmente, o cuidado estético que distinguia o homem grego. A concepção de educação era baseada na comunhão do corpo e do espírito, o que a tornava a mais humanista de todas.



As tradições helênica e romana em confronto.

Decadentes ao final do século V, em função de cisões e lutas internas que os enfraqueceram, os gregos deixaram-se dominar, inicialmente pelos macedônios (338 a.C.) e, posteriormente, pelos romanos (146 a.C). Este interregno, que representa o último capítulo da história da Grécia Antiga, é chamado de helenístico. Marca a influência do helenismo em todo o mundo conhecido. Universalizando-se, a educação dessa época valoriza cada vez mais o intelectual, com um crescente desinteresse do físico e do estético. O

declínio da civilização grega fez-se refletir em todos os setores da sua cultura. A prática das atividades físicas vai perdendo todos os seus ideais humanistas que talvez tenham sido o mais belo exemplo já inscrito na história da Educação Física. Os atletas começaram a especializar-se prematuramente, contrariando os objetivos educativos, estéticos e de saúde que foram tão tenazmente perseguidos durante séculos. Surge a profissionalização e, com ela, a corrupção dos atletas e juizes, numa evidente traição aos princípios que haviam forjado a grandeza da civilização helênica.

Antes de tudo, o poder

Roma foi a herdeira direta de dois povos, os etruscos e os gregos. Dos etruscos, os romanos receberam influxos determinantes, principalmente no campo artístico e esportivo. Mas foi dos gregos a influência mais significativa, respeitadas as particularidades do homem romano. Este nunca se entregava às suas práticas por puro diletantismo. Impregnado por um realismo que o distinguiu na Antiguidade Clássica, todas as suas realizações culturais estavam marcadas por um espírito eminentemente utilitarista. O estímulo a realizações pessoais não se fez presente, dando lugar ao ideal coletivo que caracterizou o mundo romano.

O local onde, originariamente, os romanos praticavam suas atividades físicas era o gigantesco Campo de Marte, que media 3 km de extensão por 1,5 km de largura, onde mais tarde foram construídas algumas das mais importantes instalações esportivas. Tão próximos e tão distantes dos gregos, era aí que os jovens romanos se reuniam e passavam por um adestramento capaz de habilitá-los para o cumprimento dos seus ideais expansionistas e do seu compromisso cívico. "Doce e belo é morrer pela pátria", cantou Horácio. Apesar da escassa documentação sobre o início da história romana, sabemos que praticavam a equitação, corridas de velocidade e resistência, natação, pugilato, luta, arco e flecha e esgrima, entre outros.

Em Roma não vamos encontrar atividades que tenham a mesma expressão do esporte grego. Ludus tinha a conotação de treinamento ou de jogo, não implicando necessariamente competição. Os participantes desses jogos eram atletas profissionais que nem de longe podiam ser comparados aos padrões éticos e estéticos dos seus colegas gregos. A ginástica perdeu o sentido do belo, prestando-se apenas para formar um protótipo de virilidade. A aspiração humanista que animava o esporte grego jamais contagiou o cenário romano, mais identificado com os circos, anfiteatros e termas do que com os ginásios, palestras e estádios.

A história da Educação Física em Roma pode ser contada à luz da análise das suas instalações esportivas, onde eram realizados os seus ludi. A mais antiga de todas foi o circo, concebido para a realização das corridas de carro - a grande paixão dos romanos -, além de corridas a pé e lutas. O mais antigo e amplo desses circos foi o Máximo, construído ainda no período monárquico (até 509 a.C.). Ali podiam ser acomodados 385 000 espectadores.

O anfiteatro tem suas origens já no final do período republicano (509/27 a.C.) e foi idealizado para abrigar festas religiosas e populares. O mais famoso dentre eles foi o Coliseu, comportando mais de 100 000 pessoas.

Tanto os circos como os anfiteatros representam, sob algum aspecto, a decadência da civilização romana. No período imperial (a partir de 27 a.C), transformaram-se nos locais em que multidões entusiasmadas exultavam com as deprimentes exibições dos gladiadores, lutando entre si ou com animais. Esses locais também foram palco dos degradantes espetáculos de sacrifícios humanos, onde os primitivos cristãos eram devorados por feras. Todo esse contexto fazia parte da política do "pão e circo". Os imperadores angariavam a simpatia popular, distribuindo rações diárias de trigo e alienando a plebe com esses artifícios "esportivos", de inspiração ideológica.

Os romanos, já sob a influência grega, também edificaram os seus estádios. Estes, que foram o principal cenário dos Jogos Olímpicos, não desfrutaram a mesma grandeza em terras romanas. Na verdade foram conhecidos juntamente com a introdução do esporte helênico em Roma (186 a.C.) e estavam destinados às competições atléticas e às lutas. Os romanos copiaram, porém, um modelo já decadente, sendo levados a uma prática deformada. Não perceberam que a grandeza do esporte não estava na sua simples prática, mas sim no espírito que a animava.

Cabe ainda uma referência especial às termas, as instalações mais importantes da época imperial, que serviam para preencher a ociosidade provocada pelo enriquecimento das conquistas. No começo da era cristã, o número de termas girava em torno de oitocentos, algumas capazes de receber milhares de pessoas simultaneamente. Luxuosíssimas, essas casas de banho não mais cumpriam suas finalidades higiênicas e simbolizavam o relaxamento dos costumes que caracterizou o declínio do imperialismo romano. A moral romana, que havia repudiado a nudez do atleta grego, permitia, agora, a freqüência até de suas crianças nas termas, em lugar dos ginásios gregos.

Em meio a essa catástrofe pedagógica, existem aqueles que, em nenhum momento, perderam a lucidez, conseguindo cultivar o espírito humanista da educação grega, é o caso de Juvenal, poeta satírico romano do século II d.C. que, reencarnando concepções platônicas, rogou: "é preciso pedir aos céus a saúde da alma com a saúde do corpo".

Antes de tudo, a terra

A Idade Média tem início com a divisão do Império Romano (395) por Teodósio I - o mesmo que, dois anos antes, abolira os Jogos Olímpicos - ou, para outros, com a queda do citado Império no seu lado ocidental (476). A época medieval teve duração milenária, somente terminando com a queda da capital oriental (1453). Nesses idos vemos a Igreja como a única instituição que resistiu e, mais ainda, fortificou-se após as invasões bárbaras. Afogado em crenças e dogmas religiosos, surge um homem que só era encorajado à

conquista da vida celestial. O total descaso pelas coisas materiais estabelecia um absoluto divórcio entre o físico e o intelectual. Como se num agravo a Juvenal, só convinha a saúde da alma, onde o "nada para o corpo" era um princípio que suprimia a Educação Física do horizonte cultural desse momento histórico.

Podemos analisar a época medieval submetendo-a didaticamente a uma divisão em dois períodos. O primeiro deles (Alta Idade Média) vai até o século X e foi marcado por um grande obscurantismo cultural, fruto da decadência romana e das invasões dos povos bárbaros. O segundo (Baixa Idade Média) começa no século XI e estende-se até o décimo quinto século da era cristã. Este último período não justifica o rótulo de "idade das trevas" com que muitos indiscriminadamente observam a idade medieval. A partir do século XI aparecem grandes personalidades como Roger Bacon, Dante Alighieri e São Tomás de Aquino. Este foi o mais influente dos pensadores de um tipo de vida intelectual (Escolástica) que predominou entre os séculos XI e XV. O movimento escolástico muito contribuiu para a criação das Universidades no século XIII e, juntamente com elas, preludiou o Renascimento.

Para que se possa entender a cultura medieval - inclusive as suas restrições no âmbito pedagógico - é necessário considerar o feudalismo, um sistema político-social-econômico gestado no século IX, germe do capitalismo. O regime feudal dava o direito de governar a quem possuísse terras que, por sua vez, geravam "empregos" denominados feudos. Escravizados à terra, fonte de toda a riqueza, os servos eram os únicos que trabalhavam na sociedade feudal, produzindo para as classes dominantes de então (o clero e a nobreza). Foi um período em que pouco se fez para o ser humano, enquanto pessoa. Oprimidos e explorados, os servos representavam muito pouco para os seus senhores, haja vista que um camponês, muitas vezes, tinha menos valor do que um cavalo.

Vem da época medieval, com o monopólio educacional exercido pela Igreja, o tradicional conceito de educação como disciplina. Os castigos corporais e o magister dixit são subprodutos de um autoritarismo que impede uma efetiva ação pedagógica. A Educação Física, apesar de não merecer um destaque especial, recebeu uma atenção cuidadosa na preparação dos cavaleiros. A Cavalaria era uma instituição militar destinada a uma minoria, quase sempre aristocrática, visando o fiel cumprimento de proteção aos proprietários de terra. Os cavaleiros recebiam um treinamento onde o xadrez era a única prática intelectual, havendo muitos deles que não sabiam ler nem escrever. Eram muito hábeis na equitação, caça, esgrima, lança e arco e flecha. Os torneios e as justas representam a culminância dos exercícios físicos dos cavaleiros medievais e serviam, nos tempos de paz, como preparação para a guerra. O homem medieval, que havia abominado os espetáculos do circo e do anfiteatro, assistia agora àqueles combates simulados, cujos desfechos - pelo menos nos seus primórdios - eram quase sempre trágicos.

Ainda que a pedagogia oficial não concedesse estímulos à prática esportiva, esta, apesar de timidamente, atingiu até mesmo as classes menos favorecidas. Quando falamos sobre esporte não podemos deixar de fazer uma referência especial à Inglaterra, que desde essa época destaca-se como o núcleo de uma mentalidade verdadeiramente esportiva no mundo ocidental. Ao contrário dos gregos - que consagraram um lugar de honra ao atletismo -, o esporte medieval preferiu as atividades coletivas. Aqui, os jogos com bola exerceram maior atração. Dentre eles encontramos o soule, um violento esporte jogado com as mãos e pés e que foi o ancestral do futebol e do rugby. Na Itália encontramos o seu correspondente, lá denominado calcio. O jogo da malha era uma variação do soule e era desenvolvido com um bastão, aparecendo metamorfoseado no atual hockey. Havia, ainda, concorrendo em popularidade com o soule, a palma ou frontão, que em sua evolução veio desembocar no tênis. O outro esporte individual que se propagou significativamente foi a luta. Encontramos, ainda, a existência de centenas de jogos infantis praticados nos feudos - apesar da falta do incentivo oficial -, denotando a irresistível vocação lúdica do ser humano.

Novamente, o homem

O Renascimento foi um movimento intelectual, estético e social que representou uma reação à decadente estrutura feudal do início do século XIV. Representou uma nova concepção do mundo e do homem, havendo um redescobrimto da individualidade, do espírito crítico e da liberdade no ser humano. O reconhecimento desses traços de individualidade devolveu à criatura humana o papel de protagonista: é o antropocentrismo, em oposição ao teocentrismo medieval. Inspirado nas obras da Antiguidade Clássica, esse humanismo renascente voltou a valorizar o belo, resgatando a importância do corpo. A Educação Física torna a ser assunto dos intelectuais, numa tentativa de reintegração do físico e do estético às preocupações educacionais.

A produção renascentista foi rica em tratados pedagógicos, num visível contraste com a Idade Média, que não nos legou nenhuma obra de filosofia educacional. Numa declarada oposição ao magister dixit medieval, apregoa-se, agora, uma pedagogia liberal e destituída do autoritarismo característico do ensino escolástico. Apesar da descoberta da imprensa, essa educação ainda é para minorias, desfrutada apenas pela burguesia ascendente. Voltada para o ensino superior, foi cultivada principalmente nas cortes. A Educação Física reintroduz-se nesses currículos elitistas, onde os exercícios físicos - o salto, a corrida, a natação, a luta, a equitação, o jogo da pelota, a dança e a pesca - constituem-se em prioridades para o ideal da educação cortesã.

Um sem-número de pensadores renascentistas dedicou suas reflexões à importância dos exercícios físicos. Da Vinci escreveu Estudo dos movimentos dos músculos e articulações, um dos primeiros tratados de biomecânica que o mundo conheceu. Rabelais defende práticas naturais para a educação e, por isto, os jogos e os esportes deviam ser explorados. Montaigne

exaltava a importância da atividade esportiva, quando defendia que não só a alma deve ser enrijecida, mas também o corpo. Francis Bacon defendia a execução de exercícios naturais, havendo estudado a manutenção orgânica e o desenvolvimento físico pelo aspecto filosófico.

Todos foram precursores de uma nova tendência e avalizaram a inclusão da ginástica, jogos e esportes nas escolas. Suas idéias fertilizaram o campo onde, na segunda metade do século XVIII, foram fundamentados os alicerces da Educação Física escolar. Não podemos deixar de consignar a publicação de *De Arte Ginástica* (1569), escrita pelo médico italiano Mercuriale. Sua obra resumiu a literatura antiga sobre o assunto, dedicando à matéria um tratamento médico que a tem caracterizado tradicionalmente.

Entre os pensadores que, numa fase pós-renascentista, influenciaram a Educação e, conseqüentemente, a Educação Física, não podemos deixar de fazer uma referência especial a Locke e a Rousseau. O antagonismo de suas idéias marcou um cotejo que acompanha o pensamento educacional até a atual idade.

Locke foi o grande representante de uma teoria que formulava um conceito disciplinar de educação. Em contrapartida, Rousseau seria o líder de uma tendência naturalista para o terreno pedagógico. Para Locke, a educação utilizaria a repressão e a disciplina das tendências naturais, tendo como objetivo principal a formação do caráter. Rousseau, por sua vez, não acreditava que a educação tivesse como objetivo principal instruir, reprimir ou modelar o ser humano. Referindo-se à sua personagem Emílio, afirma que, ao final, ele não seria um soldado, um sacerdote, nem um magistrado: seria antes de mais nada um homem. Ambos deram destaque à Educação Física como elemento da Educação. Locke dispensa-lhe uma orientação médica, aconselhando que as crianças sejam sujeitas a um regime de vida bastante rigoroso, condição essencial para a manutenção da saúde. Rousseau, assim como Locke, dedicou especial atenção aos exercícios físicos para as crianças. Sua teoria evidenciava os aspectos benéficos da vida do campo e ao ar livre, com a prática de jogos, esportes e ginástica natural.

A Idade Moderna continuou o seu caminho, trilhado ao longo dos 200 anos que separaram o Renascimento dos tempos contemporâneos. É no século XVIII onde podemos encontrar os reais precursores de uma Educação Física que iria se firmar no horizonte pedagógico do século seguinte. Basedow fundou (1774) na Alemanha o primeiro estabelecimento escolar - desde a Grécia Clássica - com um currículo onde a ginástica e as disciplinas intelectuais tinham o mesmo peso. Oriundo da escola de Basedow e também imbuído do mesmo espírito humanista de inspiração rousseauísta, Salzmann funda (1784), também na Alemanha, outra escola que reconheceu valores pedagógicos nos exercícios físicos. Também influenciado por Rousseau e considerado o fundador da escola primária popular, vislumbramos a figura de Pestalozzi. Interessou-se por Educação Física, chegando a fazer incursões até mesmo no campo da metodologia. Pestalozzi orientou a ginástica por parâmetros médicos, objetivando correções de postura.

O renascimento da Educação Física

O século que se seguiu às Revoluções Industrial e Francesa encontrou um mundo diferente. A utilização de máquinas no processo de produção e a burguesia assentada no poder configuram um quadro, no mínimo, desafiador para o homem contemporâneo. Vários fatores foram determinantes para o verdadeiro renascimento físico que ocorreu na Idade Contemporânea, principalmente no campo ginástico. O crescimento das cidades e a conseqüente diminuição dos espaços livres limitavam as possibilidades de cenários apropriados aos exercícios físicos. A especialização profissional determinou a permanência dos trabalhadores numa mesma posição durante longas horas, concorrendo para o aumento de problemas posturais. O aumento das horas de estudo e a imobilidade imposta por severa disciplina criaram, para os jovens, os mesmos problemas dos trabalhadores.

Tudo concorreu para que um verdadeiro renascimento físico levasse muitos a dedicarem uma atenção maior à Educação Física. Dentre estes destacaremos quatro correntes que, pela sua importância, podem caracterizar a história desta ciência durante o século XIX.

A corrente alemã representa um notável impulso pedagógico aos exercícios físicos, reencarnando os ideais clássicos da educação helênica. Por influência de Rousseau, a ginástica passou a ser incluída entre os deveres da vida humana e, sob este aspecto, muito lembrava os princípios da Educação grega. As idéias pedagógicas da época foram, de certo modo, sufocadas na Alemanha pelo aparecimento de um novo modelo ginástico, de conteúdo patriótico-social. A derrota que Napoleão havia infringido aos alemães em Jena (1805) provocara o despertar de um profundo sentimento nacionalista popular. A nova ginástica alemã - a palavra *Gymnastik* foi substituída por *Turnkunst* (arte da ginástica) - ia ao encontro das necessidades do povo. O importante era formar o forte. "Viver quem pode viver" era o lema. Os exercícios físicos não eram meios de Educação escolar, mas sim da Educação do povo. Foram criados aparelhos como a barra fixa e as barras paralelas, sendo os alemães, portanto, os precursores do esporte que hoje se chama ginástica olímpica.

Na corrente nórdica frutificaram as idéias pedagógicas alemãs, principalmente na Dinamarca - considerada na época a metrópole intelectual dos países nórdicos. Nesse país foi criado (1804) um instituto militar de ginástica, o mais antigo estabelecimento especializado do mundo. Quatro anos após, inaugurou-se um instituto civil de ginástica, também para formação de professores de Educação Física.

Como coroamento, implantou-se obrigatoriamente a ginástica nas escolas, fazendo com que a Dinamarca se adiantasse em alguns decênios a outros países europeus. Não foi a Dinamarca, porém, que conseguiu promover um reconhecimento internacional para a ginástica. Tal aconteceu na Suécia.

Arrasado o país em virtude da guerra com a Rússia, os suecos pretendiam que a ginástica colaborasse para elevar o moral do povo sueco.

Esperavam obter, ainda, por meio de uma ginástica racional e científica, uma raça livre do crescente processo de alcoolismo e tuberculose que grassavam no país. Em 1813 foi fundado o Real Instituto Central de Ginástica de Estocolmo (hoje Escola Superior de Ginástica e Esporte), modelo para os demais países europeus. A ginástica sueca preocupava-se com a execução correta dos exercícios, emprestando-lhes um espírito corretivo, como Pestalozzi já o havia feito. Com esta idéia de conferir uma finalidade corretiva aos exercícios, ficam definitivamente consolidadas as bases da ginástica sueca.

A corrente francesa foi da maior importância, pois dela chegaram os primeiros estímulos que vieram a constituir os alicerces da Educação Física brasileira. A ginástica foi introduzida por militares, que dominaram o panorama da Educação Física francesa ao longo do século XIX. Em 1819 foi fundado o primeiro instituto de ginástica para o Exército e para as escolas civis. O que caracterizava a ginástica francesa era o seu marcante espírito militar e uma preocupação básica com o desenvolvimento da força muscular, não sendo, pois, adequada a ambientes escolares. Apesar disso, foi introduzida nas escolas francesas, sendo ministrada quase sempre por suboficiais do Exército, sem cultura geral nem formação pedagógica, é importante assinalar, em virtude da influência que exerceu sobre a Educação Física brasileira, a criação do instituto de ginástica do Exército francês, em 1852, na Escola de Joinville-le-Pont.

Apesar do êxito da ginástica, esses países não se conformaram em tê-la como único instrumento para a prática dos exercícios físicos. Por influência do espírito britânico, vários esportes atingiram grande popularidade. Baseada nos jogos e nos esportes, a corrente inglesa é a única das quatro, nesse período, com uma orientação não-ginástica. Concebida para envolver a prática esportiva numa atmosfera pedagógico-social, a Escola Inglesa incorporou, no âmbito escolar, o esporte com uma conotação verdadeiramente educativa, haja vista a importância que era dada ao fair-play. Esse modelo foi seguido por quase todas as escolas inglesas, apesar da grande resistência oferecida por vários segmentos da sociedade, tal como o eclesiástico, o médico e o intelectual - que não entendiam o esporte em sua verdadeira dimensão.

Fora da esfera escolar, a importância creditada ao esporte atingiu a sua culminância na Inglaterra, de onde se difundiu inicialmente para a Europa e, depois, para a América.

O renascimento dos Jogos Olímpicos

A análise evolutiva da Educação Física ao longo do século XX começa com uma personagem considerada como a figura mais representativa do cenário esportivo contemporâneo. Pierre de Fredy, barão de Coubertin, era um francês que tinha formação em filosofia, além de se interessar por música, poesia, literatura, história e, é claro, pela prática esportiva. Ao longo de sua rica existência lutou em duas grandes frentes: a educação popular e o esporte. Em

nome dos trabalhadores e da juventude forjou o humanismo da sua obra, sendo, porém, no âmbito esportivo que ficou historicamente dimensionado.

Inspirado nos ingleses, pretendia colocar o esporte como elemento da Educação Física. Após introduzir o esporte no sistema educacional francês, parte para a sua grande missão, esta a nível internacional: restaurar os Jogos Olímpicos. Depois de conseguir a adesão de diversos países à causa olímpica, convoca um Congresso internacional, na Universidade de Sorbonne, que definiria os princípios do amadorismo e o ano oficial (1896) do renascimento dos Jogos.

Apesar de muitas de suas atividades revelarem um elevado sentimento patriótico - exacerbado pela derrota francesa na guerra com a Prússia - não se pode considerar Coubertin o líder de nenhuma das correntes, nem mesmo a francesa, em virtude do caráter universalista das suas idéias. Os ideais do fundador do olimpismo contemporâneo são ilustrados na doutrina olímpica: "O importante nos Jogos Olímpicos não é vencer, mas tomar parte; o importante na vida não é triunfar, mas esforçar-se; o essencial não é haver conquistado, mas haver lutado". Pierre de Coubertin faleceu na Suíça, onde foi enterrado, mas o seu coração - conforme o seu desejo - foi levado para Olímpia, na Grécia, onde jaz sob uma coluna de mármore.

No campo específico da ginástica, o século XX registra os maiores avanços. Uma tendência artística, de origem alemã, recebe contribuições do teatro, dança e música. Os artistas libertaram-se dos modelos impostos e foram estimulados à execução dos movimentos naturais e espontâneos, expressando suas emoções autenticamente. Essas experiências foram transferidas para a Educação Física, surgindo sistemas de ginástica que, apesar de rítmicos, não eram dança.

Uma segunda tendência, esta de ordem pedagógica, manifesta-se na Áustria, Suécia e França. Na Áustria, da década de vinte, surgiram defensores dos exercícios naturais realizados ao ar livre. Criaram uma ginástica natural e fundamentaram cientificamente a Educação Física, integrando-a filosoficamente no painel pedagógico. A aplicação da doutrina natural austríaca foi interrompida com a subida de Hitler ao poder, em 1933. O nacional-socialismo impõe a aplicação do sistema Neuendorf - baseado no Turnkunst - de cunho patriótico-social. Esse sistema tinha como objetivo a preparação militar, de acordo com a ideologia que dominou até 1945. A Suécia, à mesma época, reage contra a rigidez e a artificialidade da ginástica sueca. Na França, no começo do século XX, surge outro método natural. Originário da observação da vida do homem primitivo, também era contrário a qualquer artificialismo e às tradicionais vozes de comando, tão em moda nas aulas de Educação Física.

A terceira tendência - médica - teve os seus maiores representantes em médicos franceses e dinamarqueses. A partir de estudos sobre fisiologia e biomecânica, conferem um caráter que, em Educação Física, tem sido o único a merecer o rótulo de científico. Na Suécia e na França são feitas tentativas de

criação de modelos que sintetizassem as tendências pedagógica e médica, evitando as unilateralidades dos sistemas então vigentes. Uma das maiores contribuições suecas foi o grande impulso que deu a uma antiga tendência desse povo, com o aparecimento da "Ginástica para Todos", em 1912, objetivando estender a prática de atividades físicas à totalidade da população.

Podemos entender que as primeiras décadas do século XX marcaram uma reação aos movimentos estereotipados e analíticos preponderantes até a 1ª Guerra Mundial. Estes exercícios, com finalidades essencialmente terapêuticas e com características quase sempre militares, definiam um perfil eminentemente anatômico e fisiológico para os sistemas de ginástica. A reação provocada evidenciou uma preocupação maior com o homem integral, preterindo-se os métodos que enfatizavam o seu componente somático.

No final da década de trinta tem início um grande intercâmbio pedagógico-cultural proporcionado por congressos internacionais de Educação Física. A realização desses eventos fez desaparecer a conotação nacionalista que caracterizara mais de um século da ginástica contemporânea. Ainda assim, é possível detectar as iniciativas que, veiculadas pelas correntes originais, contribuíram para o quadro internacional da Educação Física.

Os ingleses tiveram os seus méritos reconhecidos, na medida em que viram os esportes incluídos nos currículos escolares de todo o mundo. Em relação ao esporte de competição, observamos a sua difusão principalmente após o renascimento dos Jogos Olímpicos. Nestes, pouco a pouco, percebemos a interferência de fatores político-ideológicos e raciais, maculando os ideais de Coubertin. Na órbita germânica, a tendência musical evoluiu e a sua aplicação estendeu-se ao campo masculino. A ginástica natural sofreu um processo de revitalização, após a queda de Hitler. Na Noruega, vemos nascer, em 1967, um movimento que se denominou *TRIM* (Esporte para Todos). Esse movimento assumiu caráter internacional e é bem representativo do espírito democrático que norteia os países escandinavos. A maior contribuição na órbita francesa surge na década de sessenta, quando professores de Educação Física aprofundaram-se nos estudos de Psicomotricidade, enriquecendo os programas de Educação Física, principalmente na área pré-escolar.

CAPITULO TRÊS: A EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

A maior parte da História do Brasil é uma história de colonização. A Educação talvez tenha sido o setor que mais sofreu os efeitos de um processo de transplantação cultural, não nos deixando sair de uma desconfortável situação de subdesenvolvimento. A Educação Física brasileira não foi exceção. Tem reagido mas, apenas recentemente, surgiram tentativas para definir sua personalidade. Vários cursos de pós-graduação, alguns de mestrado; produção editorial em crescimento; muita oferta de congressos e seminários. São indicadores da busca para aquela definição. É importante, entretanto, um pequeno retrospecto para entendermos - em função de um contexto político-educacional - alguns condicionamentos históricos que, de algum modo, entravaram a nossa evolução no campo dos exercícios físicos.

Primeiro tempo

As atividades físicas dos primeiros habitantes do Brasil eram parecidas, senão iguais, àquelas já analisadas na pré-história. Nossos indígenas ainda não conheciam os metais, estando ainda na idade da pedra lascada. Eram muito hábeis e, na luta pela sobrevivência, praticavam diversas atividades físicas. O arco e flecha, natação, luta, caça, pesca, montaria, canoagem e corridas faziam parte do seu dia-a-dia. Tudo leva a crer que a primeira prática esportiva introduzida no Brasil foi o remo (1566), apesar de sua conotação lendária. Os indígenas em nada contribuíram para a Educação Física brasileira. A sua condição de nomadismo impedia o aparecimento de um espaço ocioso que permitisse a criação de hábitos esportivos. O jogo da peteca foi a única contribuição original dos nossos indígenas ao universo esportivo nacional. Com a vinda dos primeiros negros africanos feitos escravos - ainda no século XVI -, chega uma dança, misto de ritual e de luta. Era a capoeira, hoje um esporte institucionalizado.

A situação de "colônia de exploração" impede um desenvolvimento social satisfatório. À economia era destinada a única função de fornecer matéria-prima para a Metrópole. À cultura não era permitida a impressão de qualquer material gráfico. O marquês de Pombal, secretário do Estado português, destruiu, em 1747, a primeira gráfica que se tentou instalar. À chegada dos jesuítas (1549) deve-se o início oficial da história da educação brasileira. Até serem expulsos pelo mesmo Pombal (1759), os jesuítas deixaram um número de colégios e seminários que não excedeu a vinte. Nas missões (reduções), os índios trabalhavam e eram catequizados. Sua "educação" consistia, principalmente, em convertê-los ao catolicismo e alterar os seus hábitos culturais (poligamia, nudez etc.). Na parte da manhã o aprendizado era intelectual. A tarde era destinada aos exercícios físicos, como forma de liberar as tensões que lhes estavam sendo impostas.

Nos seminários, os jesuítas encarregavam-se de formar os seus seguidores. O ensino nos colégios era destinado à classe dominante (latifundiários e representantes da Coroa). Tratavam de assuntos que não

respondiam às necessidades locais, sendo, ainda, as aulas ministradas em latim e grego. Era uma cultura alienada e alienante, reproduzindo unicamente os interesses colonizadores da Corte. Nos duzentos e dez anos que por aqui estiveram, os jesuítas inscreveram dois ou três mil alunos em suas escolas, e não fundaram, sequer, uma Universidade. Diante desse quadro, não era de se esperar alguma iniciativa em nome da Educação Física.

Intervalo

Instalada no Brasil (1808), a Família Real Portuguesa trata de estabelecer novas formas de dominação. Atendendo a interesses estranhos às necessidades brasileiras, começa um processo de desenvolvimento cultural, com tendências elitizantes. São criadas a Imprensa Régia e a Biblioteca Real. O ensino superior passa a receber especial atenção, embora não existisse, estruturado, um sistema de ensino primário e médio. O importante era a formação do "doutor". Continuamos, porém, sem nenhuma Universidade. Apesar da emancipação política (1822), a dependência econômica (agora da Inglaterra), a censura e a repressão ainda são grandes: a primeira Constituição (1824) dava poderes ilimitados ao imperador. A fase imperial registra tentativas de organização do sistema educacional que nunca tivemos e, a partir daí, algumas reformas educacionais tentam minimizar o verdadeiro caos em que se encontrava a educação brasileira.

Mais ou menos por essa época tem início, efetivamente, a história da Educação Física no Brasil. Os primeiros livros sobre a matéria chegaram, incluindo em seu conteúdo assuntos absolutamente diversos da Educação Física atual: eugenia, puericultura, gravidez etc. O Ginásio Nacional (hoje Colégio Pedro II), criado (1837) como instituição-modelo, incluiu a ginástica nos seus currículos. Em 1851, começa a legislação referente à matéria, obrigando a prática da ginástica nas escolas primárias do Município da Corte (Rio de Janeiro). No final do Império, foi recomendada a utilização nas escolas da ginástica alemã, que havia sido adotada nos meios militares. Essa ginástica vinha sendo aplicada oficialmente no Exército, e sua adoção nos meios escolares provocou reações por parte daqueles que viam a Educação Física como elemento da Educação, e não um mero instrumento para adestramento físico.

Apesar dos esforços para a implantação da Educação Física nas escolas, o período imperial não proporcionou estímulos pedagógicos significativos para os exercícios físicos. São duas as grandes áreas de influência: a médica e a militar. A primeira, por intermédio de diversas teses da Faculdade de Medicina, onde o tema era a Educação Física. A segunda, a partir de 1858, onde o exercício físico tornou-se obrigatório nas Escolas Militares, o que acabou servindo como meio de divulgação das atividades físicas. Essas duas tendências marcaram, historicamente, a evolução da Educação Física brasileira. No âmbito esportivo, o remo era o mais importante. Não tinha praticamente nenhum concorrente em popularidade.

Embora não julgasse merecer um lugar de destaque no setor educacional, a intelectualidade brasileira já demonstrava preocupação com a Educação Física. A maior dessas manifestações aconteceu por intermédio de Rui Barbosa. Os seus pareceres (1882) sobre a Reforma de Ensino Leôncio de Carvalho (1879) constituíram num pequeno tratado sobre Educação Física. Baseado numa rigorosa e exaustiva análise da história da Educação Física, Rui Barbosa adianta-se, em muitos anos, aos que pensavam sobre o assunto no Brasil. Numa época em que os professores de Educação Física ainda usavam paletó e gravata, ministrando suas aulas dentro das salas e por entre as carteiras, as recomendações de Rui soaram como uma verdadeira utopia. Entre as citadas recomendações destacamos:

- a) obrigatoriedade de Educação Física no jardim de infância e nas escolas primária e secundária, como matéria de estudos em horas distintas das do recreio e depois das aulas;
- b) distinção entre os exercícios físicos para os alunos (ginástica sueca) e para as alunas (calistenia);
- c) prática de exercícios físicos pelo menos quatro vezes por semana, durante 30 minutos, sem caráter acrobático;
- d) valorização do professor de Educação Física, dando-lhe paridade, em direitos e vencimentos, categoria e autoridade, aos demais professores;
- e) contratação de professores de Educação Física, de competência reconhecida, na Suécia, Saxônia e Suíça;
- f) instituição de um curso de emergência em cada escola normal para habilitar os professores atuais de primeiras letras ao ensino da ginástica.

Segundo tempo

Após a Abolição e a Proclamação da República, as expectativas da vida na sociedade brasileira estavam alteradas: a afluência de jovens aos grandes centros, a iminência de sedentarização provocada pela revolução nos meios de transporte e a influência da imigração fomentada após a Abolição precipitaram impulsos decisivos em relação a uma preocupação mais sistemática com a Educação Física. O futebol, importado da Inglaterra em 1894, começa a escalada que o levaria, na década de trinta, a suplantar definitivamente o remo - a primeira paixão esportiva brasileira. Inicialmente praticado pelas classes privilegiadas, o futebol rapidamente popularizou-se, no início do século. Em uma roupagem não-formal, começou a aparecer sob a forma de "peladas". Além desse esporte, transformado na nossa monocultura esportiva, vários outros são introduzidos, ainda no século passado: a natação (1896), o basquete (1898), o tênis (1898) etc. é registro histórico a fundação (1908), no Rio de Janeiro, da primeira academia de ginástica, origem dos estabelecimentos dessa natureza, tão em moda nos dias de hoje.

A educação brasileira, nessa época, estava vinculada ao esdrúxulo Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos! Todas as reformas

educacionais, desde o começo da República, faziam referências à Educação Física. Merece destaque especial, na Educação Física escolar, a presença do professor Arthur Higgins, já citado na introdução, defensor do método sueco de ginástica. Foi docente do Ginásio Nacional e da Escola Normal (atuais Pedro II e Instituto de Educação) - os principais educandários da época. Publicou um livro (1896) que, alguns anos depois foi adotado oficialmente no então Distrito Federal.

As ginásticas alemã e sueca sofreram, em 1921, um golpe fatal. Um decreto aprova o "Regulamento de Instrução Física Militar", destinado a todas as armas e inspirado na ginástica natural francesa, veiculada pela Escola de Joinville-le-Pont. No ano seguinte, uma portaria do ministro da Guerra institui o Centro Militar de Educação Física, destinado a "dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física e suas aplicações desportivas". Mas essa Portaria não chegou a vigorar. Isto só ocorreu sete anos mais tarde, com a criação do Curso Provisório de Educação Física, onde, além de oficiais, matricularam-se vários professores civis. Finalmente, em 1933, foi fundada a Escola de Educação Física do Exército, que permitia, também, a matrícula de professores civis. Até a criação desta última, encontramos apenas dois estabelecimentos especializados: as Escolas de Educação Física da Força Policial (São Paulo) e a do Centro de Esportes da Marinha (Rio), esta última tendo sido a primeira a formar especialistas em Educação Física, a nível de praças (1925).

A introdução do chamado Método Francês é, também, um fato marcante. Originário, ainda, de Joinville-le-Pont, foi trazido por militares franceses que vieram servir na Missão Militar Francesa. Adotado nas Forças Armadas, a sua obrigatoriedade foi estendida à esfera escolar (1931), "enquanto não for criado o Método Nacional de Educação Física". O Regulamento de Educação Física da Escola Militar de Joinville-le-Pont foi a bíblia da Educação Física brasileira durante mais de duas décadas. As limitações conceituais do citado Regulamento ficam expressas quando, definindo Educação Física, rezava:

"A Educação Física compreende o conjunto dos exercícios cuja prática racional e metódica é suscetível de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico, compatível com a sua natureza".

A década de trinta dispensa ao esporte, principalmente ao futebol, uma popularidade que já o coloca como fenômeno social. A ginástica também começa a popularizar-se, inclusive sendo utilizada pelos meios de comunicação de massa. É o caso de "A hora da ginástica", programa de rádio que foi ao ar até há pouco tempo.

No final dos anos trinta, surge a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, integrada à Universidade do Brasil (atual UFRJ). Entre os diversos cursos de formação de professores que surgiram nessa época foi, inegavelmente, o mais importante. Teve o seu corpo docente treinado por

médicos e professores. Estes últimos, egressos de um Curso de Emergência orientado didaticamente pela Escola de Educação Física do Exército. A Educação, depois de se desvencilhar do Ministério da Instrução Pública, Correios e Telégrafos, havia feito parte do Ministério da Justiça para, agora, inserir-se no Ministério da Educação e Saúde. Aqui estava, também, a Educação Física. Recebeu muitos incentivos depois de 1930, principalmente no capítulo esporte. O futebol continuava monopolizando a vida esportiva nacional, mas o basquete, a natação e o atletismo, entre outros, já despertavam a atenção.

A Educação Física, por ocasião da implantação do Estado Novo, passa a servir como instrumento ideológico, como, de resto, tudo que pudesse servir ao mesmo fim. Pela primeira vez, a Educação Física aparece explicitamente numa Carta Constitucional (1937). Instituiu-se a "Juventude Brasileira", onde estavam inscritos compulsoriamente todos os estudantes. Foi um dos meios de divulgação do "nacionalismo" que impregnava os nossos governantes. Os "centros cívicos escolares" foram subprodutos daquela "Juventude". Nesses centros, a prática da Educação Física e a participação em comemorações e desfiles "cívicos" eram fundamentais para a consolidação da ditadura instalada.

Até a década de cinqüenta, a Educação Física escolar continuou aprisionada ao Método Francês. O professor Alfredo Colombo, diretor da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação, conseguiu desobrigar a aplicação do superado método. A seguir, a vinda de professores estrangeiros - tal como Rui Barbosa reclamara no século anterior -, começou a alterar o programa da Educação Física escolar brasileira. Em relação ao esporte de alto nível, o Brasil projeta-se como potência em quase todas as modalidades no confronto sul e pan-americano. Continua carente, porém, até hoje, das tão almejadas "medalhas olímpicas", a serviço de quem, inadvertida e prioritariamente, muitos querem colocar a Educação Física.

O Esporte para Todos, implantado recentemente, aparece como tentativa de democratização esportiva. Foi iniciado com a campanha "Mexa-se" (1975), pela televisão. Ainda é muito incipiente e corre o constante risco de manipulação ideológica - no caso de não ser respeitado no conteúdo pedagógico-social que o anima. Este movimento, cada vez mais internacionalizado, coincide e é alimentado por uma espécie de redescobrimto do corpo, que havia sido algo desprezado durante os anos hippies.



Mexa-se.

CAPITULO QUATRO: O LABIRINTO

Terminado o nosso passeio, deparamos com um labirinto. Nossas dúvidas, longe de serem sanadas, aumentaram. A História desvendou tantos caminhos e agora, o que não sabemos, é por onde começar. Chegaremos a entender o que é Educação Física? Qual a sua essência? Dessa vez não será necessário um roteiro e qualquer início deve servir. Pode ser que, ao final, encontremos a chave do mistério. As diversas alternativas não dão o direito de pretender esgotá-las, mas bem podemos repensar, pelo menos, algumas delas. Quem sabe se Educação Física não é ginástica?

Educação Física é Ginástica?

Para os gregos, era. Quando Platão, por intermédio de Sócrates, afirma que a Educação ideal compreendia a ginástica para o corpo e a música para a alma, usava conotações peculiares à época. Música significava "cultura espiritual", envolvendo a história, poesia, drama, ciência, oratória e a música propriamente dita. A ginástica - etimologicamente "a arte de desenvolver o corpo nu" - compreendia todos os exercícios físicos, englobando as corridas, saltos, lançamentos e lutas. Tal qual a concebemos, provavelmente a ginástica já era praticada, sendo também aí incluída. Nessa época, a ginástica denota uma preocupação de ordem médica, haja vista a definição que Platão lhe destinara: "A ginástica tem por objetivo regular a assimilação e a desassimilação e obter a simetria fisiológica da vida orgânica, da qual dependem a saúde, a força e outros bens físicos". Dois séculos depois de Platão, a ginástica não possuía mais aquele sentido grego tão abrangente, mas a abordagem médica ainda era preponderante.

Em De Arte Ginástica, o médico renascentista Mercuriale conceituou ginástica como "a capacidade de prever o efeito dos exercícios corporais e de conhecer a sua execução prática, a fim de obter e conservar a saúde e o bem-estar". A partir do século XIX foi-se firmando o conceito de ginástica como sendo atividade física que, artificial e intencionalmente, provocaria modificações anatômicas e fisiológicas no corpo humano. Era a ginástica racional e científica, considerada agora como elemento da Educação Física, expressão cunhada em fins do século XVIII.

Essa artificialidade começou a ser combatida quando, principalmente na Áustria e na Alemanha, surgiram métodos que preconizavam uma "ginástica natural", em oposição à antiga ginástica com efeitos localizados. A partir daí exacerbou-se o conflito artificial X natural, pois esta última passou a ser defendida pelos professores que queriam dar um cunho eminentemente pedagógico à ginástica. A ginástica artificial utiliza-se exclusivamente de exercícios analíticos, aqueles que, pela fixação deliberada de alguns segmentos do corpo, localizam o trabalho muscular e articular pretendido. O exercício natural, por sua vez, implica a movimentação do corpo entendido como uma totalidade.

Ora, a simples observação do cotidiano leva à conclusão de que os gestos e os movimentos no ser humano são globais. Quando alguém se abaixa para apanhar um objeto que caiu ao solo, não o faz com as pernas esticadas e com as costas retas. O corpo trabalha como um todo, de forma total e natural. Um grupo de crianças brincando na hora do recreio ou num parque desvenda a espontaneidade com que se movimentam: elas correm, saltam, saltitam, lançam, lutam e rolam. São as manifestações de expressão espontânea do ser humano. Realizam atividades que não dependem, isoladamente, de determinadas regiões do corpo. Desenvolvem suas brincadeiras de forma natural e global, não dependendo de modelos preconcebidos ou de cópias irrefletidas.

A ginástica - natural ou artificial - deve ser analisada à luz dos seus objetivos. Os exercícios analíticos têm aplicação para os fins corretivos a que originariamente se destinavam. Mesmo assim, exigirá do professor de Educação Física um conhecimento profundo de disciplinas da área médica, além da necessidade de especialização em fisioterapia. Essa, porém, é a modalidade que mais tem aplicação nas academias de ginástica e, até mesmo, nas escolas - aqui, totalmente condenada. O que é evidente, sem dúvida, é a visceral ligação da ginástica com a Medicina, chegando mesmo, em alguns momentos, a se confundirem.

Educação Física é Medicina?

Na introdução já vem debitada uma antiga dívida que a Educação Física tem com a Medicina. Em função dos favores prestados à saúde, as atividades físicas foram incluídas nos currículos escolares. Foi, ainda, a partir de conhecimentos sobre anatomia, fisiologia e outras disciplinas afins, que o professor de Educação Física adquiriu status profissional. Até hoje, quando um acadêmico de Educação Física pretende valorizar-se intelectualmente, busca socorro biomédico e faz um formidável discurso sobre aparelho circulatório, osteologia ou neuro-fisiologia. E, para tal, não lhe faltam incentivos. As Universidades que mantêm cursos de Educação Física geralmente os incluem em seus Centros ou Institutos de Ciências Biomédicas, Biológicas ou da Saúde. O currículo mínimo imposto aos cursos superiores da Educação Física brasileira abrange mais de 40% de matérias biomédicas. O restante fica para as áreas de formação geral, profissional e pedagógica.

Essa ênfase em assuntos biológicos leva muitos a considerarem Educação Física como ciência paramédica. O que não corresponde à realidade. As citadas disciplinas são ministradas por médicos, até mesmo as que não compõem o currículo das faculdades de Medicina. "Fisiologia do Exercício", por exemplo, muitas vezes deixa de ter a colaboração do professor especialista. Naturalmente a Educação Física pode e deve ter a ajuda docente dos médicos, mas estes devem ser encaminhados pelas suas instituições aos cursos de pós-graduação - já existem vários - na área que vão lecionar.

Não devemos negar autoridade aos médicos, nesse assunto, pela simples falta de diploma legal. Mas não devemos negá-la, também, aos professores que, além de serem os especialistas, estão devidamente habilitados.

Encarada a Educação Física essencialmente sob o seu aspecto biológico, o professor fica reduzido simplesmente a um "educador do físico". Será a Educação Física encarregada, apenas, de atender a aspectos físicos do ser humano? Ao analisar as ginásticas sueca, francesa e alemã, encontramos sistemas que foram criados com a pretensão de atender ao homem como um todo, facilitando o desenvolvimento humano sob os seus aspectos físico, moral e intelectual. Apesar da boa intenção, não conseguiram atingir plenamente as suas metas. De um modo geral, a prática constatava uma atenção exclusiva ao físico, em detrimento dos demais segmentos da personalidade. Isto porque a maioria daqueles métodos foi fundamentada em suportes biológicos, conferindo um caráter anatomofisiológico à prática dos exercícios físicos, levando-a a alcançar resultados limitados.

"Medicina: Arte e ciência de curar ou atenuar as doenças", é o que afirma Aurélio Buarque de Holanda. Ou seja, o médico é aquele que cura. E a Educação Física? E o seu agente, o professor? Essa radical identificação com a Medicina, apesar de coerente, beira as raias do exagero quando lemos que determinados técnicos estão coordenando "clínicas esportivas". O problema está na determinação de competências, a médica e a do professor. Ou, de outra forma, onde acaba uma e começa a outra. Ou, melhor ainda, de que modo compatibilizar as duas. A prática da corrida de rua, sem dúvida, exacerbou a questão. Exercício particularmente atuante sobre o sistema cardiopulmonar, a corrida melhora as condições orgânicas, mas pode também oferecer riscos. Estes podem ser prevenidos através de exames clínicos e de laboratório. Ninguém discute que este papel é do médico. Mas, liberada a pessoa para o treinamento e não sendo doente, o assunto torna-se fundamentalmente do professor, é ele o profissional habilitado para dar ao seu aluno - já não é mais paciente - uma adequada orientação metodológica. Será aquele que, pela sua formação pedagógica, está apto a preocupar-se com todos os aspectos, inclusive os psicológicos e sociais, envolvidos pela corrida e pela prática esportiva de um modo geral. Com ele, portanto, a palavra. Mas tal não ocorre. Os jornais e revistas especializadas desprezam a opinião de quem não podia deixar de ser ouvido. Afinal, a corrida é um exercício físico ou uma doença?

A Educação Física, analisada apenas à luz dos inúmeros e indispensáveis auxílios da Medicina, não se define. Deixa uma sensação estranha, de vazio, como se algo estivesse faltando. Talvez o perfil da ciência que trata do movimento ficasse delineado pela sua inserção na cultura.

Educação Física é Cultura?

René Maheu, ex-diretor geral da UNESCO, em seu trabalho "Desporto e Cultura", aborda vários pontos em comum entre esta e aquele. Destacaremos alguns que interessam à nossa análise. O espetáculo cultural, assim como o esportivo, promove uma inteira participação do público, que se torna ator e espectador ao mesmo tempo. Essa espécie de liberação emocional identifica-se com a atmosfera do teatro e da dança - as artes mais complexas -, segundo o autor. Liberando emoções e sentimentos, assume a função catártica que, desde Aristóteles, identifica-se no teatro. Uma outra característica que comunga o esporte e a cultura é o aspecto estético. Os gestos esportivos envolvem um tal domínio do tempo e do espaço que se equiparam aos "mais belos espetáculos de dança, as mais belas cadências da linguagem, os mais belos ritmos arquitetônicos e esculturais, ou os mais belos jogos de cores e de luz". Essa tese fica magnificamente reforçada quando analisamos o problema do estilo. Assim como dois artistas deixam a marca inconfundível da sua personalidade em suas obras, o gesto esportivo também evidencia individualidades. Por exemplo: duas pessoas nunca realizarão o mesmo salto, à mesma altura, do mesmo modo.

A prática, porém, não revela aquilo que poderíamos denominar dignificação do movimento corporal. Um dos maiores embaraços para entender a Educação Física na sua amplitude é a conhecida expressão "cultura física". Consagrada por um uso bem antigo, academias de ginástica e congêneres são sempre tidos como "centros de cultura física". Por mais que a manifestação visualizável da Educação Física esteja no corpo, a sua práxis não pode ser analisada apenas pela evidência corporal. Consciente ou não, o professor de Educação Física está atendendo a todo o ser. A ação é sobre o homem completo, o organismo total.

É evidente que qualquer concepção de cultura é muito abrangente, valendo apenas o exemplo para se ver como, irrefletidamente, a Educação Física tem sido considerada. Podemos definir a cultura pelos aspectos não-biológicos da vida humana, incluindo aí, além da tecnologia, os valores morais, os costumes e as tradições de um povo. A cultura é, pois, um comportamento aprendido. Podemos dizer, portanto, que o futebol faz parte da cultura brasileira, assim como a corrida está, cada vez mais, incorporando-se aos hábitos dos brasileiros, principalmente os da classe média. Da mesma forma, o basquete marca profundamente a vida norte-americana e a ginástica inclui-se entre os costumes soviéticos.

Apesar de a História não esconder a importância dos exercícios físicos como expressão cultural, a mesma História sempre evidenciou preconceitos em relação à Educação Física. A religião - particularmente o cristianismo, no mundo ocidental - em alguns momentos inibiu a prática das atividades físicas, condicionando a evolução espiritual à negligência de tudo que, de alguma forma, exaltasse o corpo. O mundo intelectual também, por vezes, colaborou para a formação de idéias preconcebidas sobre a Educação Física. A intelectualidade quase sempre desprezou o trabalho físico,

menosprezando-o e contrapondo-o ao trabalho intelectual. Às vezes, por refinamento conceitual. Outras tantas, por um jogo ideológico. E os exercícios físicos, aparentemente enaltecendo apenas o corporal, nem sempre mereceram destaque no plano cultural.

A História não valida esta tese. Muito ao contrário. Demonstra o "presente" das atividades físicas em todas as manifestações culturais. As iniciativas do homem guardam características lúdicas que chegam mesmo a destacá-lo como um ser jogador. O jogo assume um papel que extrapola o nível fisiológico, adquirindo uma autêntica função simbólica para os seus praticantes. Todos sabem que os jogos de movimento ocupam um lugar de realce nas aulas de Educação Física.

Educação Física é Jogo?

"Mestre, hoje é física ou bola?" Essa pergunta, muito ouvida por professores de Educação Física, leva-nos a uma série de reflexões. Por "física", os estudantes entendem que se trata de uma aula de ginástica, com uma série de exercícios, não muito bem assimilados, geralmente analíticos. "Bola", para eles, é um jogo - quase sempre futebol ou queimada - que, assim como a "física", são peças isoladas de um complicado quebra-cabeças difícil de montar. O jogo, no que interessa ao momento desta análise, não pode ser reduzido à idéia de "bola". Jogando, mais do que em qualquer outra atividade, as pessoas têm oportunidade de se reconstituírem como tais, reintegrando o cognitivo, psicomotor e afetivo-social num todo que muitos teimam em negar.

Seguramente, o jogo traduz a mais autêntica manifestação do ser humano. Apesar de não ficar restrito ao âmbito da Educação Física, nela, o jogo tem oportunidade de se manifestar em toda a sua plenitude. Por intermédio do jogo, as pessoas aprendem a se relacionar utilizando normas que emanam do próprio convívio, identificando espontânea e democraticamente a necessidade da elaboração de um código de direitos e deveres. Huizinga, filósofo holandês, em seu clássico *Homo Ludens*, aponta seis características do jogo que apóiam a busca de uma definição:

- 1) O jogo é uma atividade voluntária. Sujeito a ordens, deixa de ser jogo, podendo no máximo ser uma imitação forçada.
- 2) O jogo não é vida "corrente" nem vida "real". Trata-se de uma evasão para uma esfera temporária de atividade com orientação própria.
- 3) No jogo há algo em suspenso, o seu resultado é incerto. Sempre existe a possibilidade do êxito ou do fracasso.
- 4) O jogo cria ordem e é ordem. Introduce na confusão da vida e na imperfeição do mundo uma perfeição temporária e limitada, exigindo uma ordem suprema e absoluta.
- 5) O jogo é praticado dentro de certos limites próprios de espaço e de tempo.

6) O jogo cria a sociabilidade, o partilhar algo importante, conservando a sua magia para além da duração do jogo.

Extraíndo idéias-chaves dessas características, podemos afirmar que o jogo é "toda a ação livre, desenvolvida dentro de certos limites de tempo e espaço, não fazendo parte da vida ordinária e que, contendo algo de incerto, cria a ordem e estimula a sociabilização".

São incontáveis os estudos que se dedicaram a uma análise profunda do jogo. Aqueles ligados à psicologia infantil são os que encontram maior campo de aplicação na Educação Física. Os jogos passam a integrar os currículos escolares sem a conotação de simples passatempo inconseqüente. Muito pelo contrário, adquirem um lugar de destaque. As atividades em forma de jogo são as que mais podem facilitar o desenvolvimento da criança, em virtude da riqueza de oportunidades que o lúdico oferece. O jogo é um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Concorre para a descoberta e minimiza a atmosfera predominantemente artificial e tecnicista que impera nos meios educacionais. Estimula a crítica, a criatividade, a sociabilização e a socialização, sendo, portanto, reconhecido como uma das atividades mais significativas - senão a mais significativa - pelo seu conteúdo pedagógico-social.

A partir de um determinado instante, o jogo pode perder as suas características de atividade livre, com o aparecimento de regulamentos rígidos que, pouco a pouco, vão cristalizando a sua espontaneidade original. A universalização dessas regras - agora impostas - e a burocratização estabelecida por federações e confederações transformam a atividade do jogo em esporte.

Educação Física é Esporte?

Um palco qualquer, num país também qualquer, independente de coloração ideológica. Milhares de pessoas aplaudindo, gritando, extravasando emoções e frustrações acumuladas. E o poder do esporte e a saudável atração que exerce sobre todos os segmentos da sociedade contemporânea. O público esportivo aumenta cada vez mais e fica difícil acreditar que havia mais telespectadores na luta de boxe Clav X Foreman em 1974, no Zaire, do que no desembarque do homem na lua, apesar de realizado cinco anos antes.

Praticado pelo homem desde as mais remotas épocas, o esporte tem suas raízes etimológicas no francês *desport*, que os ingleses alteraram para *sport*. O termo tinha, então, a conotação de prazer, divertimento, descanso. E, apesar das diversas nuances que o esporte assumiu ao longo do nosso século, as pessoas continuam fiéis ao seu sentido original. Até hoje, por exemplo, quando se pretende manifestar algum descompromisso, diz-se que se fez alguma coisa por esporte.

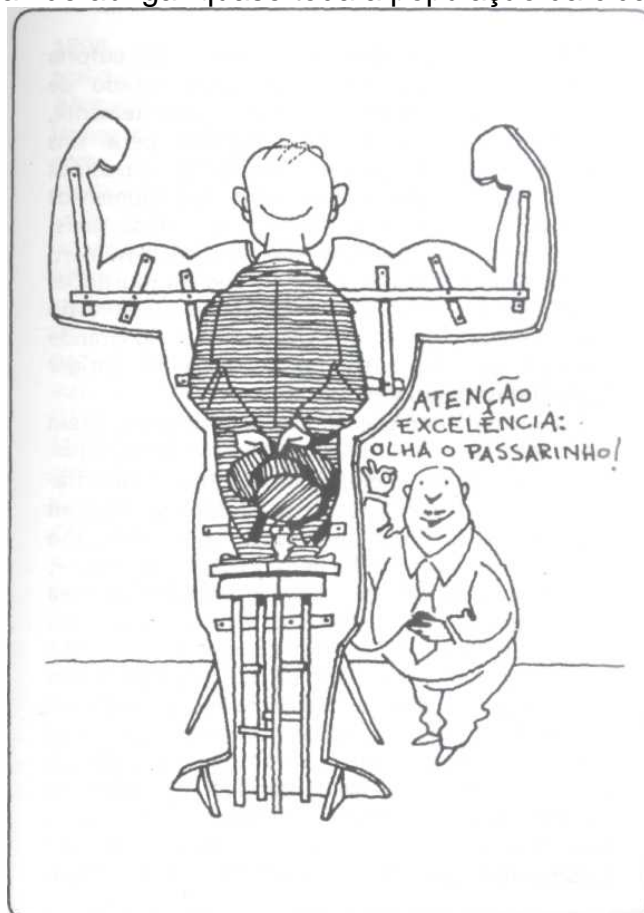
Apoiado nesse conceito, o lúdico aparece como sua característica básica, na medida em que o esporte será sempre um jogo, antes de mais nada. Mas várias funções são acrescentadas a essa ludicidade e, com essa diversificação, torna-se difícil delimitar o campo conceitual do esporte. As competições motorizadas e os jogos intelectuais (corridas de carro e xadrez, por exemplo) ilustram atividades que revelam o grau de dificuldade dessa análise. O esporte tornado profissional também embaraça a tentativa de se entender o esporte. Se considerarmos amador como o praticante do esporte pelo simples prazer de praticá-lo, um jogador que ganha dinheiro fazendo gols já não faz esporte, está trabalhando. Por outro lado, obras com denso conteúdo sociológico observam o esporte tanto como preenchimento do tempo livre, como também como meio de sobrevivência. É o caso de Georges Magnane que, em busca de uma definição para o esporte, considera-o "uma atividade de lazer cuja predominância é o esforço físico, participando simultaneamente do jogo e do trabalho, praticada de maneira competitiva, comportando regulamentos e instituições específicas, e suscetível de transformar-se em atividade profissional".

Um outro aspecto importante é a preocupação com o rendimento. Coubertin já afirmava ser o esporte "o culto voluntário e habitual do esforço muscular intensivo, apoiado no desejo de progresso e podendo ir até o risco". O próprio lema olímpico revela a busca do rendimento máximo como um objeto primordial: Citius, Altius, Fortius (mais veloz, mais alto, mais forte). O fascínio pela superação, intrinsecamente, não é um fato bom nem mau. Levado a extremos, cria sérias deformações. Nas escolas, a busca de campeões conduz à especialização prematura, inibindo o desenvolvimento do potencial psicomotor das crianças. Destas, passa a ser cobrada uma perfeição técnica na execução dos gestos esportivos. Os alunos passam a ser encarados como futuros atletas e não, simplesmente, como pessoas. As influências tecnicistas fazem com que a atividade do jogo esteja sistematicamente voltada para o desempenho e para os resultados de alto nível. Nesse caso, os menos habilidosos, que seriam os maiores beneficiários do esporte, são marginalizados e preteridos em benefício dos talentos. A Educação Física pode permitir essa discriminação?

Independente do ângulo do observador, a força do esporte é irresistível e, em alguns lugares, o seu conceito universalizou-se. Nos países de línguas germânicas, a partir de antigos modos de entender a Educação Física adotou-se o termo esporte generalizadamente, significando qualquer modalidade de exercício físico. A supervalorização do esporte pode, sem dúvida, acarretar problemas incontroláveis. A colocação da Educação Física como sinônimo de esporte induz a concebê-la, essencialmente, como competição, e cria o recorde como o seu objetivo fundamental. Essa tendência esportiva para a Educação Física atual reflete um mecanismo baseado nos interesses político-ideológicos que caracterizam a nossa sociedade.

Educação Física é Política?

As influências políticas na Educação Física são por demais evidentes, conforme pode ser constatado pela História. Em Esparta, os cidadãos tiveram os seus corpos modelados para os fins guerreiros a que estavam destinados. O circo romano, assim como o pão, era o maior instrumento ideológico de que se valiam os imperadores para falsear a realidade social. Em busca de prestígio, Nero, imperador romano, inscreveu-se na corrida de carros. Ato contínuo, proibiu a inscrição de qualquer outro competidor. Seria um campeão olímpico. Não conseguiu o seu intento. Caiu no meio do percurso! Em anos mais próximos, estadistas, empresários e intelectuais procuraram vender uma imagem saudável, deixando-se fotografar enquanto se exercitavam. Os estados totalitários sempre utilizaram esse expediente como mecanismo de poder. O nazi-fascismo é um dos seus exemplos mais significativos. Mussolini chegou a pedir aos seus ministros que fizessem exposições públicas de façanhas esportivas. O povo os tomaria por modelos e, envolvidos num clima de euforia atlética, mergulharia num profundo estado de alienação. O Estado brasileiro, recentemente, utilizou-se do expediente esportivo para fins excusos. Dentre alguns exemplos, podemos lembrar a coincidência de, num dos momentos de maior fechamento político do nosso país, acontecer a construção de um fantástico número de estádios de futebol. Estes abrangiam multidões - também fantásticas -, chegando-se ao absurdo de se construir um estádio em Erechim (Rio Grande do Sul) que, na época, seria capaz de abrigar quase toda a população da cidade.



Os Jogos Olímpicos da antiguidade grega eram um poderoso veículo de paz: paralisavam guerras. Os da atual idade estimulam-nas e retratam-nas. Recentemente, as Olimpíadas de Moscou ampliaram o problema. O então presidente norte-americano promoveu uma campanha de boicote - vitoriosa -, pois contou com o apoio de vários adeptos. Essa insensibilidade não o ajudou na sua pretendida reeleição e foi uma punhalada que feriu, talvez de morte, os Jogos Olímpicos. Principalmente levando em conta a cidade-sede da próxima competição: Los Angeles. O jornalista José Inácio -Werneck, num extraordinário lampejo histórico, afirmou que o presidente Cárter se transformou no imperador Teodósio I do século XX. Mas a interferência política vem de um passado bem distante. Para ser mais exato, desde 1896, quando o sonho de Coubertin tornou-se realidade. O chauvinismo grego, os problemas Alemanha-França e os vetos do Império Austro Húngaro à participação da Hungria e Boêmia com delegações independentes marcaram, politicamente, os I Jogos Olímpicos.

Daí em diante, nenhuma Olimpíada ficou isenta de ingredientes políticos e raciais. Feminismo - as mulheres conseguindo competir; racismo - brancos, amarelos e negros ficando em alojamentos separados; e o imperialismo - países impedindo que outros se representassem autonomamente - marcaram a realização das Olimpíadas até a sua 5ª edição, em Estocolmo (1912). A 6ª, que seria em Berlim (1916) recebeu apenas o registro cronológico, em virtude do advento do I Conflito Mundial. O impedimento da participação de vários países vencidos neste conflito marcou o reinício das competições, em Antuérpia (1920). As hostilidades entre franceses e alemães caracterizaram, politicamente as três competições seguintes. Chegamos finalmente à XI Olimpíada: 1936, Berlim, Hitler. Traíndo a não-discriminação prometida ao Comitê Olímpico Internacional, o ditador transformou a competição num verdadeiro espetáculo de arbitrariedade política, religiosa e racial. Preocupado em vender a ideologia nazi-fascista, tudo foi organizado com o maior "carinho", antevendo a vitória da raça ariana. Em vão. O atletismo era onde mais poderia ficar evidenciada a superioridade apregoada. Doze medalhas de ouro foram ganhas pelos EUA, sendo nove obtidas por negros. Após um destes, Jesse Owens, ganhar a sua quarta medalha, a teoria e a pretensão nazista não se confirmariam no terreno esportivo.

O segundo Conflito Mundial impediu a realização dos XII e XIII eventos que, mais uma vez, foram registrados simbolicamente. As três Olimpíadas seguintes continuaram a acentuar rivalidades ideológicas, até que Roma (1960) assinala uma ostentação política sem precedentes. Essa retrospectiva termina tragicamente: Munique, 1972. O brilho esportivo do nadador judeu Mark Spitz e suas sete medalhas de ouro foi ofuscado pelo massacre promovido por um grupo terrorista palestino à concentração israelense. Saldo: 18 mortos.

Política à parte - será possível? - o desempenho atlético tem atingido níveis nunca antes imaginados. Bob Beamon saltou 8,90 metros em distância. João Carlos de Oliveira conseguiu 17,89 metros no salto triplo. Os modernos

métodos de treinamentos, os sofisticados laboratórios de fisiologia do exercício e a indústria de material esportivo têm a responsabilidade por esse incontrolável avanço técnico. Esse tecnicismo tem sido nos dias de hoje o principal responsável pela aceitação da Educação Física como ciência.

Educação Física é Ciência?

Desde a antiguidade clássica muitos pensadores consideraram a ginástica uma ciência. Aristóteles, quando a ela se referia, chamava "a ciência da ginástica". Filostratos também já dizia: ". .. e à ginástica, nós a denominamos ciência". Quando as ciências começaram a se desvincular da Filosofia, muitas considerações foram feitas sobre o real significado do que seja ciência. Etimologicamente, significa saber, conhecimento (do latim scire) e, novamente, o auxílio de Aurélio Buarque de Holanda é valioso: "ciência é o conjunto organizado de conhecimentos relativos a um determinado objeto, especialmente os obtidos mediante a observação, a experiência dos fatos e um método próprio".

Normalmente aceita-se que o método empregado determina se uma área do conhecimento pode receber o crédito de científico. Para isso, é necessário que o seu objeto seja investigado com a utilização do chamado "método científico". Este método pressupõe ser possível a previsão da ocorrência de um determinado fato, se as condições que se apresentarem forem semelhantes àquelas já experimentadas. O seu rigor impõe, ainda, uma validade científica somente à observação empírica, aquela que considera o seu objeto diretamente. E toda essa observação é dirigida a uma realidade objetiva, externa ao indivíduo.

Exatamente a partir da concepção do que seja Educação Física, podemos considerá-la como ciência deste ou daquele tipo. Ao valorizar os aspectos médicos ou os resultados técnico-esportivos de alto nível, fica mais fácil aceitar a Educação Física como ciência. As possibilidades de previsão e de generalização (leis) dão um caráter científico à Educação Física, mas lhe criam um problema. Deixam-na desprovida de valores, só levando em conta os fatos observáveis e mensuráveis. Identificada com as ciências humanas e sociais, a Educação Física assume uma postura pedagógico-social que lhe confere uma dignidade insuperável, apesar de, nessa ótica, carecer daquelas "certezas científicas". A imparcialidade na observação é difícil, na medida em que há um envolvimento afetivo e de valores do pesquisador com o seu objeto. Além disso, a validação da experiência pela repetição é impossível. O que não acontece com um químico, suas cobaias e tubos de ensaio, onde tudo concorre para que o pesquisador controle de forma absoluta as variáveis em jogo.

A Psicologia, Filosofia, Pedagogia etc., por suas próprias características, não atendem a essa imposição. Ao respeitar os seres na sua individualidade e em suas relações sociais, prejudicam aquela pretendida previsão científica. Ou as ciências humanas e sociais nunca atingirão um reconhecido status, ou o método científico não é uma condição sine qua para

que o atinjam. Não há dúvida de que estas ciências já estão consagradas como tal, contendo um objeto de investigação e métodos próprios. O que postulam é um espaço mais significativo no mundo científico. Muitos analistas já dispensaram boa parte da sua reflexão ao problema da Educação Física como ciência. Vários autores citaram-na como "ciência dos exercícios físicos" ou "ciência esportiva". A denominação "ciência esportiva" foi adotada pelos que preferiram a expressão "Educação Física" pela de "Esporte". Outros consideram a Educação Física como parte de uma ciência já reconhecida, como a Medicina ou a Pedagogia. Ciência independente ou parcialmente dependente de outras, o que não se discute é a sua interdisciplinaridade, pois contém ramificações da já citada Medicina, Pedagogia, como também de Sociologia, Psicologia e Antropologia, destas também extraindo os seus métodos de investigação. Não se põe em dúvida, entretanto, o objeto da Educação Física: o movimento humano. Enquanto ciência, seria pois, a que estuda o homem em movimento.

CAPITULO CINCO: AFINAL O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA?

Considerada como cultura do físico, constituindo-se como parte da Medicina, criadora de sofisticadas técnicas esportivas, vinculadora de ideologias. Afinal, o que é Educação Física? O que não se discute é o seu compromisso em estudar o homem em movimento. O que também se aceita é a ginástica, o jogo, o esporte e a dança como instrumentos para cumprir os seus objetivos. Talvez o que esteja faltando seja a elaboração consciente e adequada desses objetivos. E mais, como desenvolver essas atividades. Não se discute, também, - independente do ângulo do observador, que a Educação Física existe em função do homem, enquanto ser individual e social. Nessa medida, é cultura no seu sentido mais amplo, fertilizando o campo de manifestações individuais e coletivas. É transmissora de cultura, mas pode ser, acima de tudo, transformadora de cultura. Incorpora conhecimentos da Medicina, mas ninguém será capaz de considerar o professor de Educação Física como aquele que cura. A tecnologia esportiva produz campeões e recordes inacreditáveis, mas em sã consciência - e em corpore sano -, não podemos aceitar que essa é a sua missão precípua.

Deve haver alguma coisa, em algum ponto, que dê sentido a essa práxis, revelando uma identidade genuína. Isso mesmo. A impressão é de que a Educação Física perdeu, ou não chegou a possuir, uma verdadeira identidade. E o agente de toda essa ação, o professor, envolvido num emaranhado de opções, corre de uma escola para uma academia, desta para um clube, então para outra escola. E daí? Por que faz tudo isso? Deveria haver um móvel - além da sobrevivência - que o levasse de um lugar para o outro. Quais são as suas expectativas? Qual deveria ser a sua função na sociedade? Sua atuação quase sempre reflete atitudes formalizadas, mecanizadas. O que não oferece dúvida, é que a Educação Física se ressentida de um engajamento filosófico a orientá-la em direção às suas finalidades.

A Educação Física e o Indivíduo

O início de nossas reflexões deveria recair sobre uma questão que sempre foi transcendental para o homem: ele mesmo. Quem é esse homem que se movimenta, desde a pré-história, pelos mais dignos ou estranhos motivos? Desde cedo, vários pensadores formularam hipóteses acerca da existência de um lado imaterial no ser humano. É o chamado homem interior. Mesmo os que aceitavam essa possibilidade especulavam em relação a uma justaposição (atomismo) ou uma interatuação (holismo) entre o material e o imaterial no homem. Alguns estabeleciam um abismo entre a mente e a matéria, outros viam o homem como unidade psicossomática, onde o corpo e a mente formavam um todo indivisível. Para fins analíticos, podemos observar o ser humano sob os seus diversos aspectos - afetivo, psicomotor e intelectual. Não devemos aceitar, porém, o fato de, isoladamente, qualquer desses componentes manter-se incólume à ação dos demais.

Admitindo o ser humano existindo como um todo, transparece a idéia de que o professor de Educação Física não pode, mesmo desejando, tratar apenas do físico das pessoas. Seria impossível, nessa perspectiva. Desaparece definitivamente a imagem do "educador do físico".

A sua ação explícita é sobre o corpo, sem dúvida. Mas os benefícios extrapolam o corporal. Nessa medida, falham os currículos que se preocupam essencialmente com as matérias biomédicas e as técnicas esportivas, desprezando o estudo da Filosofia e da História, entre outras. Em vários cursos, essas disciplinas existem, mas quase sempre relegadas a um segundo plano, como assuntos irrelevantes e descartáveis. Essa discriminação aliena a Educação Física de alguns dos seus propósitos mais autênticos, fazendo-a assumir uma postura dogmática, acrítica, onde o discurso sobre o homem torna-se fragmentado e secundário.

Não pretendemos excluir o desenvolvimento da aptidão física das preocupações da Educação Física. Nem o desenvolvimento de habilidades motoras por intermédio dos jogos e esportes. Correríamos o risco de descaracterizar a profissão. O fundamental é que se compreenda que essas atividades são meios e não fins. À medida que o desempenho esportivo, materializado pelo recorde, passa a encher os olhos dos alunos, professores e administradores, os valores mudam de direção. O que devia ser meio transforma-se em fim. Essa cegueira pedagógica assume proporções inaceitáveis. Um bom exemplo são as escolas que oferecem bolsas de estudo para atletas de um clube, fazendo-se representar por uma equipe de alto nível em campeonatos escolares. Nessa escola, esporte não é Educação Física. Imaginemos qual o tipo de motivação que os alunos têm em suas aulas, conhecendo as barreiras intransponíveis para jogar nas equipes representativas. Alguém pode argumentar que a competição esportiva não é o único - nem o principal - objetivo da Educação Física. Nessa escola, porém, será o único que receberá todas as honras.

Em relação à ginástica, alguns modelos ainda sugerem massificação, na medida em que não respeitam as características e limitações individuais. O conhecido "1, 2, 3, 4" ainda reflete preceitos recomendados há quase um século. Esse mecanicismo não atende à sagrada individualidade das pessoas, coisificando-as. Uma verdadeira agressão ao eu. A mesma carga de trabalho, todos realizando os mesmos exercícios da mesma forma, começando e terminando na mesma hora. Essa tendência à uniformidade contribui para o desestímulo da prática da ginástica, pois sacrifica os menos aptos e não satisfaz os bem preparados. A Educação Física tem de respeitar os níveis de maturidade motora, a capacidade de rendimento e os interesses individuais. São pressupostos para que a ginástica seja Educação Física. Caso contrário, não passará de adestramento físico.

A Educação Física e a Inteligência

Atualmente, muito se fala em escolas para desenvolver o raciocínio. A idéia é bem antiga, e já na época de Sócrates (século V a.C.) encontramos esse objetivo como fundamental no processo educativo. A própria maiêutica socrática era um método que se propunha a levar o discípulo a descobrir a verdade: era a arte de fazer nascerem as idéias.

O homem, enquanto ser total, não pode prescindir da inteligência nas suas ações, inclusive motoras, é muito difícil - senão impossível - estabelecer limites entre a aprendizagem motora e a intelectual. Quando acontece a primeira, seguramente está ocorrendo a segunda. A atividade física, havendo de ser aprendida, não pode ser considerada unicamente no plano motor. Apresenta também valores intelectuais.

A integração físico-mente (material-imaterial) surge de inferências feitas desde a pré-história. Há três ou quatro milhões de anos, apareceu o primeiro ser bípede (homo hábilis), possivelmente o primeiro exemplar de quem hoje chamamos homem. O saudoso Cagigal, um dos maiores pensadores da Educação Física contemporânea, considera o fato como o início do processo de tecno-intelectualização do homem. Tecno-intelectualização não representa a adaptação da inteligência a uma determinada técnica, mas o processo de intelectualização integrado à ação. Uma autêntica revolução tem início quando as mãos são liberadas do solo. O homem começa a construir ferramentas. Não se tem certeza de que a liberação das mãos aconteceu em virtude da necessidade de construir ferramentas, ou se esta necessidade promoveu aquela liberação. Quem nasceu primeiro, o ovo ou. . .? Não importa. Vale a constatação de que o processo de desenvolvimento da inteligência humana sempre esteve em constante comunhão com o movimento. Atualmente já não se considera como inteligência a simples capacidade de compreensão. A criatividade seria a manifestação suprema de inteligência. A própria inteligência. A moderna tecnologia é capaz de reproduzir eletronicamente várias faculdades humanas (observação e memória, por exemplo), menos uma: o poder criativo. Este só se deve esperar do homem. Através do desenvolvimento desse potencial, as pessoas encontram-se consigo mesmas,

ao mesmo tempo que se habilitam a estabelecer relações com o meio ambiente. O excesso de tecnicismo (gerador de hábitos) afasta a Educação Física de sua fundamental participação no desenvolvimento da inteligência (criatividade). No momento em que, pela ginástica ou pelo esporte, as atividades são baseadas na repetição, não está havendo mais Educação Física.

Em aulas - principalmente nas escolas, onde é pecado mortal - o professor está sempre pensando no lugar do aluno. Se uma corda é estendida na quadra e a tarefa consiste em "passar para o outro lado", imediatamente o professor pede que o façam com um pé, depois com ambos os pés, saltando e girando no ar, ou passando por baixo. Estão sendo dadas as possíveis soluções do problema que era dos alunos, e não do professor. Em lugar de ordens, deveríamos facilitar descobertas: "Quem consegue passar para o outro lado da corda?".

A Educação Física e a Afetividade

O fanatismo "científico", característico dos nossos dias, considera que apreciar atitudes, idéias e traços de caráter seja um modo pré-científico de analisar o comportamento humano. A tendência comportamentalista ("behaviorista") opõe-se ao estudo das teorias preocupadas em explicar os processos mentais e que admitem a existência daquele "homem interior" ao qual já nos referimos. Considera que o importante é o comportamento manifesto, ou seja, o "homem exterior". Ao pesquisar personalidades, propósitos e intenções, considerando-as como atributos de um "homem interior", não se estaria dando um passo à frente na abordagem "científica" do comportamento. O que precisaria ser explicado é o "homem exterior". Afinal, foi à imagem deste que o "homem interior" teria sido criado. Os comportamentalistas admitem a existência de processos mentais superiores, mas não vêem no comportamento que se manifesta uma dependência do que acontece no interior do organismo humano. Objetivamente, este comportamento observável será formado pelas contingências de reforço (o efeito de alguma coisa sobre a pessoa) que, aplicadas acidental ou deliberadamente, modificam o comportamento. Recomendam a criação de uma tecnologia do comportamento - e o planejamento da própria cultura - que possibilite alterações expressivas na conduta humana.

Os reflexos das teorias behavioristas extrapolam as paredes dos laboratórios freqüentados por ratos, pombos e cães. Transmitem uma visão do mundo onde as pessoas seriam meros espectadores de uma cena dirigida por alguns poucos, conhecedores do que é melhor para os demais. A Educação, de um modo geral, sofre as conseqüências dessa cosmovisão. Desprezando interesses, sentimentos, atitudes, emoções e valores, distancia o aluno da sua realidade existencial, numa concepção antidualética dessa existência.

Carl Rogers, um dos maiores opositores dessas idéias, considera que a aprendizagem convencional opera a nível puramente intelectual,

situando-se, conforme expressão muito feliz, "do pescoço para cima": é a aprendizagem de sílabas sem sentido (baz, ent, nep, arl) ou exercícios de memorização sobre fatos e datas históricas. Levantar um braço não tem significado, a menos que o levantemos para saudar um amigo, lançar uma bola ou tocar em algum objeto. Inspirados na imagem que Rogers criou, podemos afirmar que, em Educação Física, a aprendizagem opera "do pescoço para baixo". Para cima ou para baixo, o mais importante é a negação da totalidade do homem.

Nas aulas de Educação Física, desenvolver as qualidades físicas é, sem dúvida, um dos objetivos mais importantes a serem atingidos. Quando desejamos enfatizar a qualidade física chamada resistência aeróbica, imprescindível para os corredores, pedimos aos alunos que corram em torno da quadra. Voltas e mais voltas desenvolverão, por certo, a resistência almejada. Esse exercício, porém, carece de significado. Além de não promover um envolvimento intelectual e afetivo, em que circunstância essa tarefa será repetida? É fácil constatar que as pessoas só correm em círculos nas aulas de Educação Física! Por isso mesmo, todas as vezes que, durante uma aula, pedimos a adultos para correrem, eles imediatamente o fazem em círculo, embora haja bastante espaço e esta sugestão não tenha sido dada. Estão condicionados. Correr em círculo é um exercício com tão pouca significação - principalmente para crianças - quanto correr no mesmo lugar ou correr para trás, que contrariam os objetivos inerentes ao ato da corrida. Seria o mesmo que nadar sem água ou jogar voleibol sem bola.

É preciso que os exercícios físicos não sejam o fruto da pura imitação mecânica; só assim a Educação Física passará a estimular a inteligência, não embrutecendo o indivíduo, é importante que as pessoas se movimentem tendo consciência de todos os seus gestos. Precisam estar pensando e sentindo o que realizam. É necessário que tenham a "sensação de si mesmos", proporcionada pelo nosso sentido cinestésico (propriocepção), normalmente desprezado. Caso contrário, estaremos diante da "deseducação física".

A Educação Física e a Sociedade

As escolas e os meios de comunicação quase sempre trabalham para produzir - como numa fábrica - indivíduos "adaptados" à sociedade a que pertencem. As pessoas são formadas (ou deformadas) para exibir um perfil dependente, acrítico e submisso. O restabelecimento dos laços que identificam o homem com a sociedade implica, inicialmente, a identificação deste homem consigo mesmo. A Educação Física pode participar neste processo, criando ambientes favoráveis para alguém tornar-se, realmente, pessoa.

Implantada por militares em diversos países, a Educação Física objetivava unicamente o treinamento físico-militar, necessário à sua formação. Esse espírito foi, nesses países, transferido para o meio civil. Neste, primeiro

foi ministrada pelos próprios militares e, posteriormente, por civis. Estes não consideraram a inadequação dos métodos militares à prática educacional, criando uma tradição de rigidez disciplinar que não se coaduna com o ambiente civil. O professor de Educação Física passou a assumir o papel de preparador físico, incorporou às suas aulas exercícios de ordem unida e tornou-se um "disciplinador por excelência".

As funções da Educação Física, porém, não se esgotam no seu relacionamento com o indivíduo. Este não deve ficar isolado do contexto no qual está inserido, pois corre o risco de se transformar num simples paciente (agora no sentido social) das forças que interagem à sua volta. A Educação Física, apesar de ser uma atividade essencialmente prática, pode oferecer oportunidades para a formação do homem consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve. Mas pode, também, gerar o conformista.

Inúmeras passagens históricas ilustram a utilização da Educação Física como meio de adaptação dos indivíduos ao pensamento dominante. Um dos exemplos mais enfáticos é o da formação de associações civis destinadas a "prestar culto à pátria". São bem significativos os modelos do tipo "Juventude Hitlerista", "Juventude Brasileira", "Mocidade Portuguesa", "Juventude Comunista" etc., criados na primeira metade do século. Essas instituições tinham, oficialmente, a finalidade de proporcionar educação cívica, moral e física aos cidadãos. Longe de pretender uma autêntica participação social, os seus objetivos eram, principalmente, ajudar a implantar um clima de passividade social. Não propiciavam oportunidades para o desenvolvimento de mentes críticas. Existiam apenas para massificar consciências, unificando-as de acordo com os interesses dominantes. A educação cívica não nascia de um comprometimento do indivíduo com interesses comunitários. Era a subserviência às normas arbitrariamente estabelecidas pelo poder. A educação moral não emanava do convívio grupal. Era imposta sob forma de disciplina moral. A Educação Física não era propriamente educação, era adestramento, vigor físico. Cultura do físico.

Não é somente pela coação que a Educação Física pode atuar na sociedade. A cooperação é um canal que, adequadamente utilizado, ajuda na formulação de valores significativos para o grupo social. O jogo é a forma mais simples e natural para o desenvolvimento de um sentimento grupal, é o elemento da cultura que contém maiores possibilidades para sociabilizar (tornar sociável) e também socializar (estender vantagens particulares ao grupo). No jogo, a administração do choque de interesses individuais acontece numa atmosfera liberal. O jogo, enquanto ação livre, oferece reais oportunidades para o exercício da democracia. A dinâmica do jogo permite a emergência de valores genuínos, em lugar daqueles que, normalmente, são impostos.

Com o objetivo de estimular sedentários à prática de exercícios físicos, surgiu na Noruega (1967), uma campanha denominada TRIM. Expandiu-se rapidamente pela Europa e alguns países da América, sendo traduzida como Particip Acción (Canadá), Physical Fitness and Sports (EUA), Fit-Aktion (Áustria) etc. Consagrou-se internacionalmente com a denominação

"Esporte para Todos", passando a representar um modelo alternativo para o planejamento do ócio. "Esporte de massa", "Esporte recreativo" ou "Esporte comunitário" inspira-se, pelo menos teoricamente, nos ideais da Educação Permanente: "Um sistema aberto que utiliza toda a potencialidade da escola e da sociedade para produzir os valores, conhecimento e técnica como base à práxis humana em toda a sua extensão" (Durmeval Trigueiro Mendes). Sintetizando os conceitos de cultura e educação, seria o instrumento ideal para a vinculação do indivíduo à sociedade. O Esporte para Todos seria a manifestação, na Educação Física, dos ideais da Educação Permanente: a Educação Física Permanente. Desvinculado do esporte formal, não é um espaço para o surgimento de "talentos" esportivos. Dispensa paternalismos, dependendo de recursos criados pela própria comunidade.

A Educação Física Permanente é a tendência nobre da Educação Física atual. Infelizmente, as coisas são boas ou más dependendo do uso que delas se faz. O Esporte para Todos pode desviar-se dos seus objetivos quando atende a outros interesses, que não os da comunidade. Nesse caso, acontece uma total inversão de valores. Atendendo a exigências do mercado consumidor, elitiza a prática esportiva. Utilizado como apoio para o esporte de alto nível, formaliza-se. Contagiado ideologicamente, serve para camuflar realidades sociais e obstrui a ação comunitária.

A função do professor

Um baixo nível de expectativa faz com que a sociedade perceba o professor de Educação Física simplesmente como um agente de "instrução física". Para os professores que atuam na área, ficam estabelecidos padrões que acabam constituindo pré-requisitos para o exercício da profissão. Tudo isto contribui para o desvirtuamento do perfil daquele que se utiliza das atividades físicas como elemento da Educação.

A história dos cursos superiores de Educação Física no Brasil é bem recente. Eles carregam em seu bojo características que colaboraram e/ou colaboram para o seu envolvimento numa atmosfera de antiintelectualidade. As exigências para o ingresso nas Faculdades são um exemplo bastante significativo. Até a década de cinquenta, bastava o candidato haver concluído o 1º grau. Era o suficiente para iniciar um curso que seria de 3º grau! Obviamente não se poderia exigir muito daqueles que possuíam apenas o chamado ginásial. A imagem do professor de Educação Física ficou comprometida e criou-se um ambiente de discriminação em relação à matéria.

O envolvimento da Educação Física com o indivíduo e com a sociedade dá-lhe responsabilidades que extrapolam o "fazer ginástica" ou "jogar futebol". O professor não pode, diante da sua missão, aprofundar-se unicamente nos seus conhecimentos técnicos. O domínio da técnica é indispensável, mas como um meio. Um instrumento criado pelo homem, para ser utilizado em seu próprio benefício. Não se pode deixar o feitiço virar contra o feiticeiro. Ou, conforme a previsão de uma personagem de Gabeira: "Pois é.

Acontece. Um dia a máquina vence". Os cursos de Educação Física são procurados, geralmente por quem gosta da prática esportiva. O que é natural, saudável e altamente positivo. A futura atividade profissional, porém, não exigirá maiores habilidades motoras daquele que se propõe a ser um professor. A condição de atleta ou ex-atleta em nada o ajudará no cumprimento de sua tarefa educacional.

Cabe às Escolas de Educação Física canalizar toda essa vocação esportiva para objetivos realmente compatíveis com a missão de um professor. Muitas vezes, infelizmente, tal não ocorre. Logo de início, nos vestibulares, os alunos passam por provas que procuram medir o seu desempenho físico, reforçando uma visão deturpada que, de um modo geral, os candidatos têm da sua futura profissão. Mas o pior acontece quando, já matriculados, aquele desempenho físico continua sendo fundamental no processo de avaliação acadêmica. A preocupação das escolas deveria ser, essencialmente, "ensinar a ensinar". O produto dessas escolas não são atletas, mas professores. A nossa atividade é eminentemente intelectual, e não física.

Existem no Brasil, atualmente, quase cem escolas que formam especialistas. Mas não se pode ficar reproduzindo modelos ultrapassados. Evoluímos consideravelmente no aspecto técnico que, constantemente, fica divorciado do principal: o pedagógico. Para assumir uma nova postura, é necessário vencer algo quase inexpugnável: a tradição. Uma tradição que fez com que os professores egressos dos seus cursos de licenciatura continuem a ter de passar por provas de aptidão física e habilidade motora nos concursos públicos. Essa tradição que leva muitos pais a impedirem que os seus filhos se interessem pela Educação Física como profissão. Essa mesma tradição que permite a várias escolas burlarem leis que obrigam a prática dos exercícios físicos. Claro que não basta legislar. Lei não muda comportamento. Nem dos professores, nem dos leigos. Aquele baixo nível de expectativa já referido será alterado na medida em que a sociedade nos vir como educadores. Para tal, não adianta apregoarmos que o somos. É necessário que o sejamos.

Ser ou não ser, eis a resposta

A enorme variedade de abordagens sobre a Educação Física dificulta o estabelecimento dos seus objetivos. E nisso entra a descoberta daquela identidade de que tanto carece. Baseadas em diversos interesses - nacionalistas, políticos, pessoais - várias denominações são (e foram) adotadas: educação do movimento, educação pelo movimento, educação do corpo, cultura do físico e esporte, para citar algumas. Acreditamos que qualquer outra nomenclatura tenderá a restringir o campo de atuação da Educação Física. Entre todas essas denominações, esporte é a que mais compete com a tradicional expressão Educação Física. O fascínio esportivo que tomou conta das últimas gerações criou fronteiras entre o esporte e a Educação Física, é sintomática a existência de revistas, Secretarias, Escolas de Educação Física e Desportos. O esporte deixa de ser uma preocupação da Educação Física, desliga-se e, até mesmo, opõe-se a ela. Corre-se o risco de o

esporte passar a ser um assunto exclusivamente técnico, deixando de receber um tratamento acadêmico. Essa dicotomia Educação Física/Esporte transforma o último num fim em si mesmo. E para a realização dos seus objetivos, todos os recursos são válidos, é momento de se pensar em devolver à Educação Física a abrangência do seu significado original.

A característica essencial da Educação Física é o movimento. É movimento. Não há Educação Física sem o movimento humano, e isto a distingue das demais disciplinas. Os seus elementos são a ginástica, o jogo, o esporte e a dança. A simples prática dessas atividades não caracteriza a existência de Educação Física. O significado do verbo ser, para os objetivos deste livro, constitui preocupação básica. O que procuramos é a verdadeira natureza da Educação Física. A sua essência. Aquilo que realmente ela é. Enquanto processo individual, a Educação Física desenvolve potencialidades humanas. Enquanto fenômeno social, ajuda este homem a estabelecer relações com o grupo a que pertence.

A colocação dos cursos de Educação Física nos Centros e Institutos de Saúde subverteu os seus objetivos. Educação Física é Educação. Deve ser incluída, portanto, nos Centros de Ciências Humanas e Sociais das Universidades a que pertencem. É uma ciência que deve conhecer as divisas entre o adestramento e a educação. É a ciência que lida com pessoas, e não com objetos. A formal inserção nos citados Centros, porém, não transformará os alunos de Educação Física em futuros educadores. Essa mudança tem de refletir uma tomada de consciência. A reflexão emanada das disciplinas de inspiração humanista orientará a procura de uma adequada postura pedagógica.

A Educação Física, enquanto Educação, não deve reproduzir modelos da superestrutura. A Educação Física escolar tem sido a maior vítima dessa reprodução: uma neurótica luta contra segundos e a favor dos centímetros. Tudo dentro de uma apurada técnica. Com muita disciplina e na mais perfeita ordem. O rendimento físico e atlético é, sem dúvida, uma preocupação da Educação Física. Mas não aquele desempenho apoiado num referencial externo, induzindo todos a chegarem no mesmo lugar, ao mesmo tempo e seguindo o mesmo caminho. Este é o rendimento máximo, baseado em tabelas e parâmetros que não respeitam individualidades, retificando o aluno. A Educação Física, enquanto educação, não procura o rendimento máximo, e sim o ótimo. Aquele que ajude o indivíduo a encontrar o seu melhor aproveitamento.

A tarefa educacional não se resume ao mero exercício de ensinar. Ensinar é um meio, não um fim. "Para que" ensinar está refletido nos objetivos a serem alcançados. "O que" ensinar sintetiza as necessidades dos alunos. "Como" ensinar implica fazer corresponder a ação à intenção pedagógica. Educação não é sinônimo de polidez, quietude, disciplina, obediência, nem mesmo ilustração. Educação também não é sinônimo de aprendizagem, quando despida de valores abonados pelo grupo social. Educação Física é Educação, na medida em que reconhece o homem como o arquiteto de si

mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana. Onde não será necessário "levar vantagem em tudo".

Chegamos ao final e, com ele, a certeza de que o assunto não se esgotaria numa obra. Nem em mil. Não tivemos a pretensão de responder questões que merecem uma constante revisão crítica. Identificamos a fronteira ideológica entre o "abrir" e "fazer" cabeças. O humanismo que a Educação Física está a exigir precisa do diálogo, do debate, do confronto de idéias. Enfim, uma atitude dialética em relação aos seus problemas, é animador, entretanto, termos a satisfação e a esperança de que, nessa longa caminhada, tenhamos dado os primeiros passos.

INDICAÇÕES PARA LEITURA

Sobre História da Educação Física

- **História Geral da Educação Física**, de Aluizio R. Accioly e Inezil P. Marinho (São Paulo, Cia. Brasil Editora, 1953). Apesar de reeditada em 1980, mantém os originais de 1956.
- **Da Educação Física**, de Fernando de Azevedo (Melhoramentos, São Paulo, 1960). Lamentavelmente esgotada, a obra analisa as correntes ginásticas do século XIX e um perfil da Educação Física helénica;
- **Os Exercícios Físicos na História e na Arte**, de Jayr Jordão Ramos (São Paulo, Ibrasa, 1983);
- **Teon? General de la Gymnasia**, de Alberto Langlade e Nclly R. de Langlade (Buenos Aires, Stadium, 1970). Exaustiva descrição da história da ginástica no século XX;
- **Histoire de l'Education Physique**, de Henri de Genst (Bruxelas, A. de Boeck, 1947), um clássico;
- **Livro renascentista de Jeronimo Mercuriale**, 1 569 (Madrid, Instituto Nacional de Educación Física, 1973). Reproduzido através dos séculos, contém vasto material sobre a história dos exercícios físicos na antiguidade;
- **La Génesis de los Deportes**, de Jean Le Floc'hmoan (Barcelona, Labor, 1965). Sobre a história dos esportes;
- **História del Deporte**, de Bernard Gillet (Barcelona, Oikos-tan, 1971). Didático e dirigido à história esportiva;
- **História de los Deportes**, de Cari Diem (Barcelona, Caralt, 1966). Obra em dois volumes, descreve e analisa a evolução da ginástica e dos esportes;
- **Tratado de Educação Física**, de Celestiano Marques Pereira (Lisboa, s/ed., 1960). De caráter enciclopédico

Sobre a História da Educação Física no Brasil

- **História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**, de Inezil P. Marinho (MEC, 1952/1954). Um dos maiores documentários sobre a educação física brasileira, em quatro volumes;
 - **História da Educação Física no Brasil**, do mesmo autor (São Paulo, Cia. Brasil Editora);
 - **Introdução à Sociologia dos Desportos**, de João Lyra Filho (Rio de Janeiro, Bloch, 1974). Destaque para o segundo capítulo, sobre as atividades físicas de nossos índios;
 - **História Geral da Educação Física no Brasil**, de Aluizio R. Accioly e Inezil P. Marinho. Já citada, a obra contém um capítulo sobre o Brasil, com dados relevantes;
 - **Da Educação Física**, de Fernando de Azevedo. Também já citada, a obra dedica um capítulo à evolução do esporte no Brasil no século XIX.
- Sobre História da Educação
- **História da Educação e da Pedagogia**, de Lorenzo Luzuriaga (São Paulo, Cia. Editora Nacional);
 - **História da Educação**, de Paul Moore (São Paulo, Cia. Editora Nacional);

- **História da Educação na Antiguidade**, de H.-I. Marrou (EPU/MEC); e Paideia, de W. Jaeger (São Paulo, Martin Fontes). Ambos sobre a sociedade greco-romana;
- **Educação e Luta de Classes**, de Aníbal Ponce (São Paulo, Cortez/Autores Associados). A educação na perspectiva do materialismo histórico. Sobre a Teoria da Educação Física
- **Da Educação Física**, de Fernando de Azevedo (3ª ed., 1960);
- **Homo Ludens**, de Johan Huizinga (São Paulo, Perspectiva, 1970). Clássico, mostra a importância do jogo como elemento fundamental na cultura humana;
- **Tornar-se pessoa**, de Carl Rogers (São Paulo, Martins Fontes, 1980) e Liberdade para Aprender, do mesmo autor (Belo Horizonte, Interlivros, 1978). Em ambos os livros, uma visão do ser humano e de uma educação compatível com a liberdade;
- **Teoria pedagógica de la educación física**, de Ommo Grupe (Madrid, Instituto Nacional de Educación Física, 1976);
- **Educação Física** — Princípios Pedagógicos (Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980), e Princípios Didáticos en la Educación Física (Buenos Aires, Kapelusz, 1976). Ambos de Annemarie Seybold, verdadeiras obras-primas da pedagogia;
- **!Oh Deporte!** - Anatomia de un Gigante (Valladolid, Mi-fion, 1981), Cultura Intelectual y Cultura Física (Kapeluz, 1979) e Pulso de nuestro tiempo (Madrid, Editora Nacional, 1972). Todas de José M. Cagigal, autor do discurso mais humanista do pensamento esportivo contemporâneo;
- **Filosofia das actividades Corporais** (Lisboa, Compendium, 1981), À Prática e a Educação Física (idem, 1978) e Desporto em Democracia (Lisboa, Nova Seara, 1976), de Manoel âergio, abordam o fenómeno esportivo à luz de uma profunda crítica social.

Outros destaques

- **"A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista"**, de Valter Brancht (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 1988, 7, (2), 62-68); do mesmo autor, "Educação Física — busca da autonomia pedagógica" [Revista de Educação Física, 1989, 1 (0), 28-33] e "Educação Física como campo de vivência social" (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 1988, 9, (3), 23-29);
- **"Uma desordem para manter a ordem"**, de Apolônio A. Carmo, in Vitor Marinho de Oliveira (org.) Fundamentos pedagógicos — Educação Física (volume 2: flexões e reflexões). Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1987;
- **"A (des) caracterização profissional - filosófica da Educação Física"**, de Castellani Filho, Lino. (Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 1983, 4 (3), 95-101); do mesmo autor, Educação Física no Brasil - a história que não se conta (Campinas, Papirus, 1988);
- **Prática da Educação Física no 1º grau** — modelo de reprodução ou perspectiva de transformação, de Vera Lúcia da C. Ferreira, (São Paulo, Ibrasa, 1984);
- **Educação de corpo inteiro**, de João Batista Freire, (São Paulo, Scipione, 1989).

- **Educação Física progressiva — a pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**, de Paulo Guiraldelli Jr. (São Paulo, Loyóla, 1988);
- **A Educação Física ainda do corpo... e "mente"**, João Paulo S. Medina, (Campinas, Papirus, 1983);
- **Educação Física Humanista**, de Vitor M. Oliveira, (Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985).
- **Criatividade nas aulas de Educação Física**, de Celi N. Taf-farel, (Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985);
- **Educação Física escolar — fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**, de Tani, Go et alii, São Paulo, EPU/EDUSP, 1988).

Sobre o autor

Vítor Marinho de Oliveira nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 1943. Licenciou-se em Educação Física, em 1969, na UFRJ. Em 1981, titulou-se Mestre em Educação pela mesma universidade, onde, atualmente, faz tese de Doutorado em Educação.

Atua no curso de mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho e no curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lecionando, respectivamente. História da Educação Física e História da Educação.

Além de vários artigos em revistas especializadas, publicou dois livros pela Editora Ao Livro Técnico: Educação Física Humanista e Fundamentos Pedagógicos — Educação Física, vol. 2 (Flexões e Reflexões), este último como editor e co-autor.

Caro leitor:

As opiniões expressas neste livro são as do autor, podem não ser as suas. Caso você ache que vale a pena escrever um outro livro sobre o mesmo tema, nós estamos dispostos a estudar sua publicação com o mesmo título como "segunda visão"



“Ginástica para o corpo e música para a alma”, “*Mens sana in corpore sano*”. Gregos e latinos antes de Cristo já se uniam no elogio do corpo. Atualmente as pessoas redescobrem os valores dos exercícios físicos e praticam *jogging* nas calçadas e praias. As academias de ginástica e escolas de dança estão repletas. Os astros de Hollywood, Arnold Schwarzenegger e Silvester Stalone, incentivam a prática do halterofilismo. Mas se as alternativas são muitas, as dúvidas também. Seria tudo isso *Educação Física*? Esse cuidado com o corpo é realmente importante? Participação ou alienação?

Áreas de interesse:
Educação, Medicina, Sociologia.

